

O CRISTÃO-NÔVO BENTO TEIXEIRA: CRIPTO- -JUDAISMO NO BRASIL COLÔNIA.

SÔNIA APARECIDA SIQUEIRA

Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo.

“... se Deus Nosso Senhor foi servido
que meu pai fôsse cristão-nôvo e eu
fôsse seu filho, que culpa tenho eu?”

(Papel de Bento Teixeira aos Inqui-
sidores de Lisboa).

O cristão-nôvo Bento Teixeira nasceu no Pôrto, mas aos cinco anos foi trazido para o Brasil, onde viveu tôda a sua vida. Aquí foi educado, educou, conviveu com os homens principais da terra, escreveu poemas.

Bento Teixeira, erradicado do Reino, radicado na Colônia, teria sido o primeiro leigo detentor da cultura colonial?

O homem que viveu tôda a sua vida no Brasil ensinando jovens, inspirando-se na terra para compor sua epopéia, foi índice da existência, já no século XVI, de uma cultura própria que a Colônia elaborava, ou apenas foi expoente da cultura metropolitana imposta às novas terras? Bento Teixeira, homem da cultura portuguesa, ou da cultura brasileira? Exemplo típico de que complexo cultural?

A análise do comportamento mental de Bento Teixeira e do seu ajustamento ao meio em que viveu, através de seus escritos e de sua vida, bem como de seu conflito com o Santo Ofício, podem servir para elucidar tais questões.

* *
*

I. — O HOMEM E A ATMOSFERA.

A. — OS COMPONENTES METROPOLITANOS.

Os colonos que no Brasil se estabeleciam — transitória ou permanente — carream para cá, em seus espíritos, os modelos do mundo em que viviam. Transplantavam valores mais ou menos nitidamente assimilados e conscientemente aceitos. Transplantavam também, problemas e preconceitos. Principalmente traziam tensões e inquietudes, pois emergiam de um mundo barrôco.

Eram os colonizadores barrôcos a seu modo: autênticos ou de arremêdo (1). Barrôco, contendo no seu substrato um determinado *idearium*, em que sobressaiam o Cristianismo católico e a oposição entre a concepção ideal e a material da vida. Barrôco constituído de inquietações, de insatisfações, de melancolias, de pessimismos; feito de exageros, de superlatividades, e também de ativismos e de lutas. Barrôco feito de avanços e recuos nos caminhos da vida, na lembrança da morte.

As características básicas do clima cultural que envolvia a Metrópole eram a tensão e a inquietação de um lado, e a busca de ordem, paz e equilíbrio de outro, como corolário lógico.

Tensão e inquietação eram fatores se não gerados, certamente exacerbados pela presença em Portugal de um grande contingente judaico, que diferia religiosa, psicológica e socialmente do grupo cristão que o abrigava.

A partir de Cristo tornara-se impossível coexistirem indiferentemente do ponto de vista doutrinário, os adeptos da Velha e da Nova Lei. O Judaísmo era ameaça à integridade da ortodoxia cristã porque oferecia soluções diferentes aos problemas básicos do Catolicismo.

O judeu deixava transparecer nitidamente sua crença. Expressá-la através da vida cotidiana era indispensável para sua integração religiosa. O filho de Israel devia fazer de cada ato, de cada gesto, uma "micwah", i. e. um cumprimento da Lei. Isto implicava na observância dos preceitos que tinham sua fonte na Torah escrita, ou na tradição,

(1). — Os elementos do grupo senhorial acolheram o barrôco pelos seus sentimentos e ideais característicos. Os integrantes dos grupos colocados em posições mais baixas na escala social abriam-se ao maravilhoso, à ostentação e à fantasia do barrôco como uma compensação à dureza de suas vidas. Aguiar e Silva, (Vitor Manuel Pires de), *Para uma interpretação do clacissismo* (Coimbra, 1962), pág. 91.

e visavam afastar todos os perigos das transgressões (2). O ideal religioso do Judaísmo incluía a compenetração íntima entre a crença e a vida de todos os dias: daí a santificação das habitações, as leis alimentares com suas interdições, os ritos de purificação do corpo ou dos objetos, o luto com suas abluções, recitação de versículos, prantos e culto à memória dos falecidos.

Na exteriorização de sua fé reafirmavam-se os judeus cada dia, acentuando sua diferença da generalidade cristã, individualizando-se coletivamente.

Definitiva a influência da religião na estrutura psicológica da personalidade (3). A crença mosaica orientava seus adeptos para certas metas. A imprescindibilidade do conhecimento da religião e da sua vivência acabavam por imprimir a tôda a coletividade uma determinada estrutura mental, uma certa cosmovisão, que lhe ditavam específico comportamento na sociedade. Atitudes individuais ou coletivas que ofereciam, ao contacto com os cristãos, arestas de impossível polimento.

Desprezavam os hebreus as leis e crenças alheias à sua raça, compenetrados da idéia de superioridade individual e grupal, o que ofendia e irritava os cristãos.

No esforço de ser religioso o judeu era levado por um dinamismo para o conhecimento de Deus — pela busca e investigação — e o cristão a certa passividade e aceitação do ensino da Igreja. Logo porém, convencido da necessidade de preparar sua vida transcendental, e da sua responsabilidade de membro atuante da Igreja, lançava-se o católico num ativismo missionário intra e extra-fronteiras. Proselitismo que visou também o judeu.

Aos judeus marcavam um certo individualismo e uma porção de auto-suficiência, possivelmente originados na consciência de possuir um mundo próprio um parentesco espiritual unificador: a Verdade. Características que não podiam se harmonizar com os ensinamentos da Igreja Cristã que procurava desenvolver em seus filhos o senso da catolicidade, despí-los da auto-suficiência e integrá-los na Cristandade.

Das esperanças de Israel, a espera do reino de Deus levava aos judeus a buscarem assenhorear-se do mundo para sí próprio, o que devia ditar um certo tipo de comportamento comunitário e associativo

(3). — V. a respeito: Jung (C. G.), *Psicologia e Religião* (Rio de Janeiro, 1965), Trad.

(2). — Desde o comêço da tradição rabínica foi estabelecida uma lista clássica de preceitos, em número de 613: 248 positivos e 365 negativos. Démann (Paul), *Os judeus, fé e destino* (São Paulo, 1962), Trad., pág. 64.

hebráico em todos os campos da atividade humana — econômico, profissional, científico, administrativo ou cultural — onde se respeitava o indivíduo, mas se exercia o amparo mútuo dentro da grei.

Da valentia de permanecer fieis a si próprios próprios derivavam a conservação da individualidade e a imperiosa necessidade de luta espiritual para a perpetuação. Porisso erigiram barreiras que impediram a assimilação. O cristão, por sua vez, era treinado para fundir-se na coletividade, para submeter-se à hierarquia, para lutar pelo grupo, não por si mesmo apenas. Acabava porisso com mentalidade diversa dos judeus.

O otimismo ético contido na essência do Judaísmo convertia-se numa exigência de heroísmo humano, numa vontade moral de lutar. O pessimismo do cristão, cômscio de seu pecado genético e da maldade intrínseca à sua natureza — que se externava em faltas cotidianamente renovadas — impulsionavam-no também à luta pelo espírito. Faziam-no desejar a santidade, ou, modestamente, lutar para garantir a vida eterna.

O hebreu era essencialmente um homem prático: aos seus ideais dêste mundo deviam se subordinar os do outro, portanto seu afã, sua ambição, era viver esta vida. Tendia a ser um homem materializado. Teòricamente pelo menos, o adepto de Cristo era um homem espiritualizado em maior ou menor intensidade de acôrdo com a convicção que possuía de que a vida verdadeira era a extra-terrena, e que êste mundo era apenas um exílio que necessitava cumprir.

O judeu era um homem ancorado em sua raça, o que o levava a uma série de entendimentos e até de concessões para satisfazer aos interesses de seus patrícios. Convencido da indissolubilidade do binômio credo-vida, eliminando o fantástico e o obscuro, proclamava que a religião não chocava com a vida uma vez que devia realizar-se através dela. O significado da vida se manifestava na ação: a vontade divina se revelava no homem. Porisso julgava o mundo para determinar sua atitude diante dêle. A vida se convertia para êle num mandamento. Queira modificar o mundo para si. Atitudes mentais a gerar comportamentos diferentes dos católicos para quem a vida era um tributo a ser pago para a eterna felicidade, portanto uma provação e um encargo, e que se dispunha a aceitar o mundo como estava.

Diferenciavam-se judeus e cristãos. Tais diferenças expressaram-se em atritos de maior ou menor intensidade que foram sempre a constante de quatro séculos de vida comum entre os dois grupos. No fim do século XV, instalado o clima tridentino na Península Ibérica, a

coexistência entre hebreus e católicos passou a se tornar cada vez mais mais difícil. Os conflitos aumentaram em número e importância.

Tentando solucionar o problema, D. Manuel impôs o batismo aos descendentes de Moisés (4), dando nascimento ao cristão-nôvo (5), aumentando o preconceito anti-semita, agravando, portanto, as tensões sociais.

O sacramento católico não elidira o judaísmo, por isso não podia aproximar os judeus dos cristãos. Tão pouco podia fazer desaparecer os antagonismos entre os dois grupos sociais ou desmarginalizar o hebraico, de um momento para outro.

Se o Rei decidira considerar parte integrante e una com seus naturais aos cristãos-novos, e sentiu o indeclinável dever do trono de dar-lhes os mesmos direitos, e fazê-los participar das mesmas obrigações (6), com o povo tal não se deu. Nem D. Manuel, nem seus sucessores, puderam persuadir à gente menos instruída que os descendentes da nação hebreia depois de batizados tinham tanto direito à bemaventurança eterna fazendo obras meritórias como os que haviam nascido de pais cristãos e tinham recebido o Sacramento na infância.

Tentando eliminar as áreas de atrito, proibiu o Rei as discriminações e igualou os horizontes e as possibilidades sociais. A reação dos portugueses foi grande a essa igualdade de direitos e deveres com os descendentes de Israel. Rejeitavam a assimilação dos cristãos-novos quase constantemente quanto estes não queriam ser assimilados.

Ser cristão-nôvo era pois, viver desajustado, semi-impermeabilizado à miscibilidade e à aculturação. A presença do cristão-nôvo não diminuiu a tensão social. O judeu batizado causava na coletividade maior irritação.

(4). — Osório (D. Jerônimo), *Da vida e feitos de El-Rei D. Manoel* (Pôrto, 1944), T. I, Liv. 1, pág. 13; Góis (Damião de), *Crônica do Felicíssimo Rei D. Manoel* (Coimbra, 1926), p. I cap. XX; Gordo (Ferreira), *Memória sobre os judeus em Portugal*, in "Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa" (Lisboa, 1823), T. VIII, 2a. p., cap. 1, pág. 10; Rios (José Amador de los), *Historia social, política y religiosa de los judios de España y Portugal* (Madrid, 1960), pág. 745, nt. 3; Herculano (Alexandre), *Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal* (Lisboa, s/d), 13a. ed., Liv. II, T. I., pág. 107; Roth (Cecil), *A history of Marranos* (Filadelfia, 1941), cap. III, págs. 54-73.

(5). — Os cristãos-novos foram também denominados "conversos" têrmo extendido no século XVII a todos os que tivessem qualquer ascendente infiel, mesmo longinquo. Ortiz (Dominguez), *Los cristianos nuevos. Notas para el estudio de una clase social*, in "Boletín de la Universidade de Granada" (1949), nº 21, págs. 249-297.

(6). — D. Manuel proibiu que se legislasse sobre os cristãos-novos como se constituíssem comunidade diferente.

As implicâncias mútuas levaram a radicalizações: muitos semitas refugiaram-se no cripto-judaísmo — tão velho quanto o próprio Judaísmo, nas palavras de Roth (7) — e em Portugal mais renitente e tenaz que nos domínios de Castela (8).

Cristão-nôvo e cripto-judeu não são sinônimos. O nascimento gera o primeiro, a vontade o segundo. O cristão-nôvo esforçava-se por ser igual aos demais: tentava vencer as barreiras do meio e do seu íntimo e ajustar-se. O cripto-judeu contentava-se em parecer igual aos demais. Reservava-se o direito de continuar sendo judeu, de permanecer, às vêzes, heroicamente fiel a si mesmo, e à religião herdada. Porisso tinha duas religiões: uma externa, social, outra a religião da sua consciência, interior, feita de práticas secretas. Odiava a sociedade que o compelia a uma vida de simulações, que lhe tolhia a liberdade de crença, mas guardava certa atitude precavida, cômico de ser o lado mais debil. Cristão-nôvo e cripto: elementos desigualmente marginalizados na sociedade do barrôco.

A inquietude passara a ter dupla polarização. Tanto na área cristã, quanto na área judaica. Na área cristã, suspeitava-se da existência de um cripto-judeu em cada néo-converso. Na área judaica, bi-partia-se ainda o grupo cristão-nôvo que se esforçava por se assimilar à sua nova condição e entre o grupo cripto-judeu que mantinha uma dupla face religiosa, política e social. Os cripto-judeus comprometiam a posição dos cristãos-novos, pois mantinham acêsa a desconfiança.

O cripto-judaísmo exacerbava a inquietação reinante, primordialmente, porque falseava o cristão-novismo. Quais os conversos que se conservavam judeus? Rompiam êles, às ocultas, isto sabiam-no bem os cristãos-velhos, a unidade espiritual do Catolicismo e do Império Português. Irritavam aos céus, atraindo com suas heresias a cólera divina, que acabaria se abatendo sôbre tôda a população. Espicaçavam, êsses judeus disfarçados, a consciência de homens zelosos de suas crenças. Porque se deslocavam com extrema facilidade, num migração forçado ou não, eram sempre adventícios em qualquer meio social.

Porfiavam em manter uma feição nacional, caracterizada pela linguagem aprendida nas escolas, empregada nos seus ritos, nos livros de suas contas, nas produções de sua literatura (9). Tradições, usos,

(7). — *Op. Cit.*, pág. 1.

(8). — *Idem*, págs. 61-62.

(9). — Azevedo (João Lúcio de), *História dos cristãos-novos portugueses* (Lisboa, 1921), pág. 38.

crenças do organismo social eram aceitas epidèrmicamente. O zêlo pelo próprio patrimônio impedia uma assimilação consciente e integral à cultura do meio. Porisso as nacionalidades que adotavam eram para êles provisórias. Suas preocupações eram a conservação da mentalidade comum, da herança psicológica e do patrimônio histórico, além da busca de condições de realização de melhores negócios. Seu supra-nacionalismo assegurava-lhes uma ausência de compromissos que objetivamente se traduzia em plasticidade, alargando ou restringindo-lhes horizontes, conforme a conveniência do momento. Sentiam-se isentos de lealdades para com Portugal. Eis porque se distanciavam dos ideais éticos e das aspirações da maioria da coletividade e do trono.

No Reino, cristãos-novos e cripto-judeus compeliavam ao desassocêgo, e impulsionavam aos homens — individual e socialmente — à busca de soluções de equilíbrio, ordem. E tal busca muitas vêzes sinonimizava evasão do grupo judaico: para lugares da Europa onde havia tolerância, ou para o mundo de além-mar, onde a colonização se definia como um fenômeno tipicamente burguês, atraindo homens e capitais para tal empresa.

* *
*

B. — O COLONIAL NA COLÔNIA.

Cristãos-novos e cristãos-velhos vieram para o Brasil, onde a colonização adquirira um caráter empresarial, prolongamento do tráfico oceânico no momento em que êsse tráfico exigiu uma produção regular do açúcar insistentemente requisitado pelos mercados europeus. Floresceram então no Nordeste engenhos e fazendas, núcleos dinâmicos da colonização e do povoamento (10).

Entre os capitais da burguesia ibérica investidos nas rotas comerciais atlânticas, os de origem judáica ocuparam posição de relêvo, pela quase impossibilidade de sua aplicação em investimentos imobiliários na Metrôpole. Natural foi portanto a orientação dêsses capitais para novas áreas onde se configuravam perspectivas de fácil enriquecimento. Nos séculos XVI e XVII os cristãos-novos afluiram para o Nordeste, artífices e partícipes da economia da açúcar. Como afluiram cristãos-velhos. Burgueses, os principais agentes da colonização, tiveram num interêsse econômico partilhado em comum, o primeiro ponto de aproximação. Havia outros.

(10). — França (Eduardo d'Oliveira), *Engenhos, colonização e cristãos-novos na Bahia Colonial* in "Anais do IV Simpósio Nacional da ANPUH (Pôrto-Alegre, 1967), págs. 181 e 228.

A generalidade dos colonos e estava convencida de que devia criar um mundo e estruturá-lo. Para isso havia grandes obstáculos a vencer.

Dominado o Oceano, o grande desafio para os que chegavam era a Terra. Terra indomesticada, com seus campos imensos, com suas matas, rios caudalosos, pantanais, montanhas, terra envôlta por um clima estranho e desconhecido (11). O outro problema: o índio, para o português, parte integrante do solo. O índio e sua resistência. O índio e sua agressividade. O índio e sua inconquistabilidade mental.

O desafio era lançado ao branco que chegava. Fôsse qual fôsse a antigüidade de sua crença, estavam todos constrangidos no descobrir técnicas que lhes permitisse viver no meio estranho. Cediam porisso a todo um processo de adaptações. Assumiam atitudes novas, mais ou menos empíricas, sugeridas pela problemática do momento. A resposta dos portugueses ao desafio do mundo brasílico consistiu num processo de acomodação cujo nervo vital foi criar o homem para a terra. Nele se encaixa pois a gênese do mestiço e a plasticidade do branco para se deixar modelar pelo continente americano.

Desde o primeiro momento atuaram na Colônia sôbre o inconsciente e o consciente do reinol fôrças novas. Os imperiosos apelos da vida deram à índia um lugar na rêde do colono e produziram outras vidas. O mestiço foi uma imposição genética. Sua aceitação social já foi uma condescendência, e o início do processo diversificatório da Colônia.

Coloriram-se as epidermes em várias gradações cromáticas. Os mamelucos, mulatos, pardos e cafusos inauguraram um mundo de sincretismos: de usos, costumes, crenças. Unindo-se aos usos, costumes e crenças da Metrôpole davam continuidade a êsse processo aculturativo, agravando as deformações dos modelos culturais importados. Alguns dêsses modelos tornaram-se inadequados. Por inúteis, tornaram-se desnecessários. Extingüiram-se ou foram usados com adaptações.

A ânsia do imediato cortava idealizações. Brandônio, nos *Diálogos*, reclamava dos colonos a quem dois ou três anos parecia uma eternidade (12).

O heroísmo tinha multiplicadíssimas possibilidades de realização, em roupagens locais. Entre elas, avultava a colonização das consciências nativas. O protótipo social se afastava do metropolitano, à me-

(11). — "... Muitas coisas há ainda assim de frutos como minerais por descobrir que os homens não alcançaram sua propriedade natural" registavam os *Diálogos* em 1618. *Diálogos das Grandezas do Brasil*, ed. Capistrano de Abreu (Salvador, 1956).

(12). — 1º Diálogo, *op. cit.*, pág. 39.

dida que a posse da riqueza era fator diferenciador da sociedade (13) e via de ascensão nela.

A necessidade da sobrevivência diante do inimigo bárbaro e antropófago exigiu, pelo menos nos primeiros tempos, a atenuação de preconceitos entre os brancos. A instabilidade dos primeiros estabelecimentos portugueses criava uma atmosfera de relativa solidariedade entre o punhado de homens que os mantinha. Os cristãos-novos eram aceitos com maior facilidade, irmanados nos problemas comuns do viver (14). As desconfianças, estas, recalçaram-nas os cristãos-velhos, no âmago de seus corações, onde ficaram mais ou menos latentes, mas sem grande tempo ou oportunidade de se manifestarem. No fim do século firmara-se a empresa brasileira. E a burguesia que a sustentava era em sua maior parte cristã-nova. Impunha-se certa tolerância.

Não há dizer que o homem de deseuropéizasse. As estruturas gerais do mundo que erguia eram inegavelmente portuguesas. Apenas tais estruturas sofreram adoçamentos. Quebravam-se-lhes muitas arestas. Tornaram-se mais maleáveis. Instalara-se uma relativa tolerância.

A flexibilidade das estruturas sociais e da mentalidade dos homens que as haviam levantado não implicara na transformação total desses homens. Aquêles que aqui se haviam instalado ou que aqui moravam por determinados lapsos de tempo estavam ainda convencidos, no fundo de suas consciências — bem lá no fundo, muitas vezes — da importância dos interesses da alma no quadro dos valores terrenos. Homens interessados em colaborar com o Trono na manutenção da ordem no Império Ultramarino.

O abrandamento de problemas e preconceitos não significava que estes tivessem deixado de existir. Desarmaram-se em grande parte as resistências dos grupos hebraico e cristão. Ficaram apenas alguns focos representados pela presença de cripto-judeus que talvez tivessem vindo para o Brasil à procura de um clima de liberdade que permitisse o retorno às suas crenças. Prolongava-se, dest'arte, além mar, um problema metropolitano, a que eram sensíveis não apenas os cristãos-velhos, como os cristãos-novos, imersos já no processo de assimilação.

(13). — "... As riquezas do Brasil constituem em seis coisas com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira, a lavoura do açúcar; a segunda, a mercância; a terceira, o páu a que chamam de Brasil; a quarta, os algodões e as madeiras; a quinta, a lavoura de mantimentos; a sexta e última a criação de gados". 3º Diálogo, *op. cit.*, págs. 149-150.

(14). — "E os filhos dos taes, já entronizados com a mesma riqueza e govêno da terra despiam a pele de ovelha, como cobra, usando em tudo de honradíssimos termos, como se ajuntar a isto o haverem vindo depois a este Estado muitos homens nobilíssimos fidalgos, os quais casaram nele, e se liaram em parentesco com os da terra, de sorte que se há feito entre todos uma mistura de sangue assás nobre...". *Idem*, págs. 170-171.

Marranos judaizantes houve-os, sem dúvida, nesses primeiros séculos da vida colonial. Seu programa no Brasil era o mesmo que tinham os judaizantes no Reino.

Na Colônia um certo grupo de conversos timbrava em se manter judeu e supra-nacional. Defendia-se do Cristianismo através de reservas mentais como a daqueles que ouviam missa aos domingos e enfeitavam-se nos sábados, que freqüentavam a igreja e depois ajuntavam-se para judaizar (15). Ou atacavam violentamente a religião do Nazareno, como Ana Rodrigues, ou Jorge Dias, que desejavam quebrar a cabeça de Cristo (16), ou ainda batizavam bichos para ridicularizar o Sacramento (17). Supra-nacionais, seguiam a política de interesse dos de seu grupo (18).

Os cripto-judeus eram veículos ideais para penetração e circulação das heresias. E heresias, no tempo, eram, também na Colônia, sinônimos de desagregação política. A preocupação de “desmascará-los” gerou denúncias e processos na justiça eclesiástica e civil, como os que teve contra si Bento Teixeira, Maria Barbosa ou João Nunes (19). Fruto de uma necessidade absoluta de vigiar os cripto-judeus são as Visitações do Santo Ofício ao Brasil, principalmente às capitânicas do Nordeste em 1591 e em 1618. Ação intimidatória principalmente.

* *
*

C. — ACEITAÇÕES E RECUSAS.

A vida colonial era diferente da metropolitana na medida em que diferiam o meio físico, étnico, econômico, político, social e urbano. Graças a essas peculiaridades da Colônia foi possível nela a integração de Bento Teixeira, embora fôsse cristão-nôvo.

Se o preconceito acompanhava a vida dos cristãos-novos na Colônia, tal preconceito não tinha vigor para impedir sua integração social.

(15). — *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil. Denúncias de Pernambuco* (São Paulo, 1929), págs. 361-2, 353-4, 316, 466, 476, 478.

(16). — *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil. Denúncias da Bahia 1591-2* (São Paulo, 1925), pág. 544.

(17). — *Idem*, págs. 321, 473-4. *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil. Confissões da Bahia 1591-2*. (São Paulo, 1935), págs. 65, 79, 87.

(18). — V. França (Eduardo d'Oliveira), *Um problema, a traição dos cristãos-novos em 1624*, in “Revista de História” nº 83 (São Paulo, 1970), págs. 21-71.

(19). — Transcritos em parte nos processos que tiveram na Inquisição Portuguesa as referidas pessoas. ANTT, Inquisição de Lisboa, procs. nºs 5.206, 5.536, 1.491 e 885, respectivamente.

Numa vida diferente da metropolitana os descendentes de Moisés experimentaram uma relativa tranqüilidade, além de maiores probabilidades de ajustamento social.

Integravam-se os cristãos-novos ao meio, tão sensíveis quanto os mais aos problemas e às possibilidades que se lhes ofereciam. Os pais de Bento Teixeira — Manuel Álvares de Barros e Leonor Rodrigues — cristãos-novos do Pôrto (20) transferiram-se para o Brasil c. 1567 (21). Atraídos talvez pelo comércio, pois Bento Teixeira declarou que seu pai

“não tinha mais officio que tratante” (22).

Terão vindo, provavelmente, seduzidos pela fácil posse da terra e pela perspectiva de mercadejar seus produtos, pois Bento Teixeira declarou depois, aos 5-5-1597, sobre seu pai,

“que era lavrador e vivia de sua lavoura” (23).

No Brasil Manoel Álvares de Barros devia ser um dos múltiplos casos de dupla atividade — lavrador e comerciante — indicativos da escassez da população branca e da rudimentareidade do meio.

Incentivos à sua mudança para o Brasil podem ter sido os parentes que aqui já viviam (24).

Deslocavam-se os néo-conversos pela Colônia, sem encontrar para isso maiores óbices. Os pais de Bento Teixeira, quando contava êle ainda 5 ou 6 anos (6), vindos do Reino, estabeleceram-se primeiro no Espírito Santo, na Tapera, junto à Vila de Vitória e depois na própria Vila. C. 1567 ainda, mudaram-se todos para a cidade do Rio de Janeiro, onde também as possibilidades de fixação devem ter

(20). — *Confissão de Bento Teixeira. Primeira Visitação do Santo Officio às Partes do Brasil*. Transcrita no processo 5.206.

(21). — Se são exatas as informações de Bento Teixeira sobre seus pais, devem ter sido êles dos que se ausentaram do Reino subrepticamente, pois de 30-6-1567, data o Alvará que proibe saírem do Reino por mar ou por terra os cristãos-novos. Remedios (Mendes dos), *Os judeus em Portugal — a dispersão*, in “*Biblos*” (Coimbra, 1926), fasc. VIII-IX, págs. 429 e 484.

(22). — *Denúncias de Pernambuco*, pág. 161.

(23). — ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. nº 5.206.

(24). — “... na Bahia tinha o dito Bento Teixeira uns parentes, que não sabe em que maneira de parentesco, que eram Henrique Rodrigues Barcelos e Miguel Fernandes e outros cristãos-novos com quem pousava e comunicava”. *Denúncia de Paulo Serrão* aos 23-9-1595 in *proc. cit.*

(25). — Papel apresentado por Bento Teixeira aos Inquisidores aos 8-1-1596. *Idem.*

sido tão escassas quanto as encontradas no Espírito Santo, pois em 1579 foram para a Bahia, segundo Bento Teixeira,

“por serem seus pais pobres e terem aí parentes que lhes escreveram que viessem para aí e lhes fariam bem, os quais parentes eram da parte de sua mãe” (26).

Daí consta ter viajado para Pernambuco, onde o pai tinha

“mandado com farinha e carnes” (27).

A presença dos cristãos-novos no mundo colonial era aceita simplesmente. A sociedade em formação acostumara-se a contar com êles. Se o preconceito acompanhava-os através do Mar, não chegava, no entanto, na terra brasileira, a impedir sua integração social. Em muitos casos houve mesmo um assistencialismo paternalístico das autoridades civís e eclesiásticas que não excluíram o converso. Bento Teixeira pode servir para exemplificar. Órfão, ainda muito moço, foi tomado sob a proteção do Bispo do Salvador, D. Antônio Barreiros (28). Aliás êste pastor parece ter sido bastante tolerante com o grupo dos néo-convertidos. Tolerância que chegou a causar em muitos fiéis a impressão de descaso com as cousas da fé e até de cumplicidade com os hebreus, como se deduz do relato de Inês de Barros ao Visitador Furtado de Mendonça:

“que o Bispo não atentava por quantos judeus aí andavam” (29).

Tais atitudes, mesmo se ditadas por abertura mental do prelado, não teriam sido possíveis num meio em que os judeus fôssem tratados com rigor extremo (30).

(26). — Depoimento de 19-11-1597. *Proc. cit.*

(27). — *Ibidem.*

(28). — Papel de Bento Teixeira, entregue à Inquisição aos 8-1-1596. Afirmções confirmadas depois entre outros pelo depoimento do jesuíta Manoel do Couto: “O bispo D. Antônio Barreiros vendo seu bom modo de proceder dava-lhe de vestir e o sustentava no estado...”. *Idem.*

(29). — *Denunciações da Bahia* (1591), pág. 539.

(30). — D. Antônio Barreiros não era exceção. Convém lembrar o grande número de cristãos-novos ordenados não só por êle, como também por D. Pedro Leitão e por D. Constantino Barradas. Tais padres chegaram a ocupar lugares nos cabidos catedrácios, como o meio-cônego Manoel Afonso, confirmado numa das capelarias da Sé do Salvador, depois capelão-mor da mesma Sé; o pe. Daniel do Lago, tcsoureiro da Sé da Bahia, ou o pe. Diogo do Couto, vigário da Igreja Matriz de Olinda. Malheiro Dias (Carlos), *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, III, pág. 364.

Freqüentes são também as acusações registadas na documentação inquisitorial, principalmente nas Confissões e Denunciações da Bahia e de Pernambuco, de

Benevolência também experimentou Bento Teixeira por parte das autoridades civis. O ouvidor-geral Cosmo Rangel dava-lhe de vestir (31).

A educação não era negada aos cristãos-novos nem havia separação dentro dos Colégios entre cristãos-velhos e recentes. Bento Teixeira freqüentou os Colégios Jesuítas — únicos no tempo — neles convivendo com os filhos dos principais da terra e com muitos que depois envergariam, já no Brasil, a roupeta dos inacianos (32). Aliás, os jesuítas muito pouca prevenção tiveram com os descendentes dos hebreus, aceitando-os mesmo em suas fileiras (33). Era êste o tom geral da Instituição. No Brasil a tolerância parece ter se alargado muito mais, o que acabou gerando uma recomendação especial do Superior da Ordem para que a Companhia aqui não recebesse mais cristãos-novos em seus quadros (34). Muito facilmente, portanto, em suas escolas, conviveram conversos e cristãos de velha origem.

O cristão-nôvo Bento Teixeira continuou convivendo com os principais da terra. Dentre êsses, muitos foram por êle arrolados como testemunhas do processo que depois teve na Inquisição, como o próprio Bispo, o padre reitor do Colégio de Pernambuco, Vicente Gonçalves, os pes. Manoel do Couto e Calixto da Mota, pregadores e confessores da Companhia, o pe. Diogo do Couto, Ouvidor da Vara Eclesiástica (35), Paulo Serrão, mestre de capela, Fernão de Sousa

receberem os Ouvidores Eclesiásticos, peitas dos cristãos-novos. Exs. as acusações ao pe. Corticado ou ao pe. Diogo do Couto. *Denúncias de Pernambuco*, pág. 76, *Confissões da Bahia* (1591), págs. 64 e 91, respectivamente.

(31). — V. proc. 5.206 cit.

(32). — Bento Teixeira teve na Bahia, por condiscípulos, os pes. Manoel do Couto e Calixto da Mota, sacerdote, pregador e confessor, depois assessor do Santo Ofício na 1a. Visitação; Paulo Serrão, mestre de capela do canto da Matriz de Olinda. Depoimento de 23-9-1595. Livro da Ratificação da Bahia e Pernambuco 1591-5. No depoimento incluso no processo de Bento Teixeira Paulo Serrão disse que "... na Bahia foi condiscípulo de Bento Teixeira que estudava artes nas escolas dos Padres da Companhia...".

(33). — Foi a Ordem Religiosa que mais resistiu à adoção dos Estatutos de Pureza de Sangue. V. *La Compagnie de Jésus devant la question de la purété de sang* in Sicroff (Albert), *Les Controverses des Statuts de Purété du Sang en Espagne du XVe au XVIIe siècle* (Paris, 1960), pág. 270 e segs.

(34). — Leite (Pe. Serafim) (S. I.), *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, págs. 436, 442 nt. 2. Carta de Vicente Rodrigues, Bahia, 23-5-1553 in *Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil* (São Paulo, 1954), I, pág. 207.

(35). — Natural da cidade da Bahia, filho natural de Antônio Fernandes, solteiro, e Ana Dias, também solteira. 1/2 cristão-nôvo pelo pai. Ouvidor da Vara Eclesiástica da Capitania de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba. Vigário da Matriz da Vila de Oinda. *Denúncias da Bahia* (1591), págs. 519, 534 e 448.

(36), Fernão Ribeiro de Sousa (37), Álvaro Velho (38), Álvaro Barbalho, juiz da Vila de Marim em Pernambuco (39), Antônio da Rocha, que foi capelão do Sergipe, Fernão Vaz, vereador em Salvador (40) ou João Pais, dono de fazenda na freguesia de Santo Antônio (41).

Professor, teve Bento Teixeira em suas mãos os filhos das pessoas mais importantes. Foram seus alunos, entre outros, em Pernambuco, o filho de Francisco de Ataíde, mercador em Olinda, o de Diogo Correa, dono de fazendas, o de Diogo Lourenço, também grande mercador em Olinda (42). A seus discípulos, além de escrever, ler, contar e latinidades, ensinou a

“viver católica e fielmente freqüentando as igrejas e os sacramentos da Sta. Madre Igreja, compelindo meus discípulos” (43).

Leigo, ensinava doutrina cristã aos alunos, indispensável que era a religião na pedagogia do tempo.

Como mestre conseguiu certo sucesso. Prova-o a tença que obteve para sua escola: 50\$000 anuais para que se pudesse manter e assim ficar em Olinda (44).

Ao constituir família, casou-se com Felipa Raposa, moradora em Ilheus, cristã-velha, filha de André Gavião, homem nobre, e de Violante Galvoa, irmã de Martim Leitão, Ouvidor Geral.

Entre seus amigos figuravam cristãos-velhos importantes na terra.

O meio aceitava Bento Teixeira. Em contrapartida, até que ponto Bento Teixeira aceitou o meio, procurando, de fato, uma integração cultural, religiosa, sócio-econômica?

(36). — Cristão-nôvo, mordor em Pernambuco.

(37). — Cristão-velho, filho de Antônio Luiz Castelo Branco e Isabel Ribeira. Senhor de engenho em Tinaré. *Denúncias da Bahia* (1591), pág. 280.

(38). — Cristão-velho, senhor de engenho, morador na várzea do Capibaribe, dos da governança da terra, filho de Estevão Velho e Isabel Pais. *Denúncias de Pernambuco*, pág. 91.

(39). — *Denúncias da Bahia*, pág. 512.

(40). — Ref. in *Denúncias da Bahia* (1591), pág. 276.

(41). — Ref. no proc. de Antônio Dias. ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. nº 6.159.

(42). — Papel entregue aos Inquisidores aos 8-1-1596. Proc. cit.

(43). — *Ibidem*.

(44). — Retirada por seu cunhado sob o pretexto de que a Câmara não podia consignar renda a pessoa nenhuma. Proc. cit.

A instrução de Bento Teixeira teve o sêlo jesuítico, como o teve, exclusivamente, tôda a cultura do Brasil no 1º século de sua vida (45).

Cultura jesuítica significava cultura religiosa, mas também cultura ibérica.

A religião católica, no período colonial, influiu, quase que exclusivamente, na organização da cultura no Brasil (46), que se desenvolveu à sombra dos conventos, seminários, e, principalmente, dos Colégios dos filhos de Santo Inácio. Notadamente no primeiro século da colonização as únicas agências difusoras da cultura foram as Escolas Inacianas (47), decididos que estavam os jesuítas de levantar sôbre os alicerces do ensino tôda sua obra de evangelização e colonização (48). Sua política educativa alicerçava-se no abrir sempre uma escola onde erigissem uma igreja.

Em 1551 tinham chegado ao Espírito Santo os jesuítas Pe. Afonso Braz e o irmão Simão Gonçalves e entre os variados ministérios a que se dedicaram — administração dos sacramentos, pregação aos portugueses, doutrina às crianças, índios e escravos, visitas aos enfermos, aos engenhos, e às aldeias, puzeram escola de ler e escrever (49). Em 1571 era o Pe. Manuel de Paiva o encarregado da escola em que eram ensinados cerca de 40 meninos portugueses (50) e entre êles, Bento Teixeira, que aprendia

(45). — Joaquim Nabuco chegava a duvidar que houvesse Brasil “se em vida de Lóiola não tivesse sido feito província da Companhia” in *José de Anchieta*, publicado no “III Centenário do Venerável Padre José de Anchieta” (Lisboa, 1900), pág. 326.

(46). — “Cultura elaborada pela Igreja, tributária da religião, verdadeiros vínculos entrelaçando raízes” para Fernando de Azevedo, que vê nossa história cultural entroncada em sucessos, instituições e influências religiosas. *A Cultura Brasileira* (Rio de Janeiro, 1943), pág. 132.

(47). — Na Bahia, 15 dias após a chegada dos jesuítas já funcionava escola de ler, escrever e contar. O mesmo tipo de ensino elementar existiu em todos os estabelecimentos inacianos do Brasil. Cf. Leite (Pe. Serafim (S. I.), *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Lisboa, 1938), I, pág. 72 e segs. V. também: *Vicente Rodrigues, 1º Mestre Escola do Brasil*, do mesmo autor, in “Brotéria”, (Lisboa, 1951), nº 52, págs. 288-300.

(48). — V. sobretudo idéias pedagógicas do Pe. Nóbrega in *Cartas do Brasil e mais escritos do Pe. Manoel da Nóbrega (Opera Omnia)*. Introdução, notas históricas e críticas de Serafim Leite. Publ. da “Acta Universitatis Conimbrigensis” (Coimbra, 1955). V. também: Costa (M. Gonçalves da), *Inácio de Azevedo. O homem e sua época. 1526-1570*, (Braga, 1957); Jauger (Luiz Gonzaga), *Pe. Manoel da Nóbrega. 4º Centenário de sua vinda ao Brasil (Pôrto-Alegre, 1949)*, Separata do “Relatório do Colégio Anchieta de Pôrto-Alegre”; *Diálogo sôbre a conversão do gentio com preliminares e anotações do Pe. Serafim Leite* (Lisboa, 1954).

(49). — Leite Pe. Serafim (S. I.), *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, pág. 213.

(50). — *Idem*, pág. 224.

“ler, escrever e os demais bons costumes que necessários são a um fiel cristão” (51).

Desde o grau elementar era o ensino jesuítico marcado pelo ideal norteador da Companhia: subordinação às exigências ecumênicas da Igreja tridentina e à missão de instalar e conservar a civilização ibérica que lhes dera o Rei. Eram os inacianos, pois, instrumentos poderosos de domínio espiritual, fazendo do ensino cunhas por onde penetrava na Colônia a cultura portuguesa. Focos de reação europeizante numa sociedade mestiça que ameaçava com seus sincretismos a unidade que se buscara instalar. Focos de ibericidade num mundo ameaçado constantemente pelos estrangeiros invasores. Focos de Cristianismo num mundo solapado pelos germens da heterodoxia.

As escolas jesuíticas em sua organicidade estavam ligadas a determinada concepção de vida dominante na Metrópole. Aceitavam os meninos portugueses para instruí-los e doutriná-los, tivessem êles nas veias sangue de cristãos-velhos ou de novos. Aceitaram, pois, facilmente Bento Teixeira. Depois, no Rio de Janeiro, ainda no Colégio de Jesus, iniciou êle o estudo de nível médio. Alí, e posteriormente na na Bahia (52), aprendeu as humanidades, isto é, freqüentou os cursos de Gramática e Humanidades (latim, grego e hebraico). Foi iniciado num corpo de idéias coerentes, uniformes, de conteúdo universalista, cristalizado pelas humanidades latinas. Recebeu na Colônia — como teria recebido no Reino, uma formação intelectual eminentemente literária,

“orientada para o cuidado da forma, para os adestramentos da eloquência, para o aperfeiçoamento das funções dialéticas do espírito” (53).

Foi Bento Teixeira, como os demais alunos do Brasil, plasmado de acôrdo com os modelos culturais trazidos de Portugal pela Companhia. Neste curso secundário não houve inovações de currículos com disciplinas ou estudos sugeridos pela observação da natureza circundante. Foi iniciado num tipo de cultura que era mais uma fôrça de conservação do que instrumento de desenvolvimento do espírito criador e crítico. Uma formação intelectual que procurava soldar as mentalidades no todo metropolitano sem lhes dar a oportunidade de elaboração de uma cultura local. Cultura européia que não perseguia uma

(51). — ANTT, Inq. de Lisboa, proc. nº 5.206.

(52). — Na Bahia cursou ano e meio de latim e 2 anos de artes, cf. testemunho do Pe. Manoel do Couto, seu condiscípulo. V. proc. 5.206 cit.

(53). — Azevedo (Fernando de), *Op. Cit.*, pág. 134.

finalidade brasileira, que não se abria à realidade geográfica e humana que não tinha verdadeira função no quadro social além de ser instrumento de diferenciação diante da massa inculta.

Esse tipo de erudição clássica revelado por Bento Teixeira foi superposto à herança cultural hebraica, levando-o, possivelmente, a insatisfações de ordem intelectual. Teriam sido essas inquietações as determinantes de seu ingresso no Curso Superior — o de Teologia Moral — que começou a estudar no Colégio da Bahia? Nestes “estudos dos casos” (54) voltavam-se os padres para os problemas do Brasil (55), porque visavam a preparar operários para a messe do Senhor na terra. Eram cursos para futuros padres, ou para aqueles que já o eram. E dos sacerdotes reclamava-se a compreensão do meio circundante que achavam os jesuítas desnecessária para o leigo, que não estava envolvido na catequese, como os filhos de Santo Inácio.

Bento Teixeira andou pela Bahia com vestidos e barrete para clérigo, para se ordenar de missa, segundo testemunho de Jorge Thomaz, do Pôrto (56). O que ficou a provar a ausência de preconceito da Companhia em relação aos portadores de sangue hebraico.

Parece que Bento Teixeira não teve realmente intenção de ingressar na vida clerical conforme êle próprio declarou (57). E’ provável que as vestes de clérigo tenham sido menos um meio de afirmar públicamente seu Cristianismo, (como foi sugerido no processo inquisitorial), do que um caminho para completar sua instrução com aqueles conhecimentos reservados aos futuros ministros do Senhor em terras brasileiras.

Sua curiosidade intelectual era grande a ponto de inquietar seus mestres como o Pe. Manoel de Barros que nos estudos da Companhia dizia públicamente a Bento Teixeira

(54). — Tal curso começou a funcionar na Bahia de modo regular em 1565 com as lições do Pe. Querício Caxa. Vasconcelos (Simão), *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* (Lisboa, 1865), III, pág. 66.

(55). — Entre os casos estudados e resolvidos através de pareceres que seriam normas gerais para futuras questões, figuravam, por exemplo os dos casamentos dos índios, de seus batismos, os relacionados ao preceito de ouvir missa. Cada padre devia responder separadamente a 5 casos: se era lícito vender a crédito mais caro do que a pronto pagamento, se era lícito confessar um escravo que não sabia português; se era lícito em caso de naufrágio dar uma absolvição geral; se era lícito entre os portugueses vender entre sí escravos quando era certo que muitos os possuíam sem justo título; se era lícito ao pároco omitir as proclamas para os matrimônios. Leite Pe. Serafim (S. I.), *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, 77-78. O *Catálogo dos Ms. da Biblioteca Pública Eborense*, publicado por Cunha Rivara, traz no seu I volume a enumeração de vários destes casos.

(56). — Depoimento feito ao Visitador Heitor Furtado de Mendonça em Olinda, aos 4-6-1594. In proc. 5.206 cit.

(57). — Acusação depois confirmada pelo próprio Bento Teixeira, de que só andava vestido como clérigo “para cumprir com o mundo”. *Ibidem*.

“não fôsse com o estudo e letras por diante porque não lhe acontecesse algum mal porque tinha muitas opiniões e dúvidas em suas argumentações” (58).

Dizia-lhe mais: que se Bento Teixeira fôsse letrado

“corria o risco de dar em hereje” (59).

Não devem ter sido os conselhos do jesuíta Manoel de Barros os motivos determinantes da interrupção dos estudos de Bento Teixeira. Antes deve ter sido a pressão social que sôbre êle — o marrano — agravou-se, culminando com o desacato público que sofreu na rua dos Estudos, quando o irmão e o cunhado de Tristão Ribeiro deram-lhe com uma garrafa de sujidades (60). Não se fêz padre, mas já era um intelectual. Membro de uma elite do espírito, mas de uma elite de importação. Sua cultura era metropolitana, embora tivesse sido haurida na Colônia. Marcada por um caráter comum: universalista, europeizante, iberizante, estritamente literária. Recebera um ensino literário, de fundo clássico, inspirado por uma ideologia católica. Ensino que se superpuzera à tôda carga cultural judaica, que continha no seu substrato uma tendência à liberdade de julgamentos e opções. Fôra educado nos moldes portugueses. Quando escreveu, seus trabalhos refletiram sua formação, quer na escolha dos temas, quer na forma, quer no conteúdo.

Bento Teixeira tornou-se um literato. E a literatura era um dos elementos da cultura geral: o mais forte, o mais persistente.

Sôbre essa primeira base de educação cristã superpuzeram-se valores da cultura hebraica.

Conta o próprio Bento Teixeira que na idade de 13 para 14 anos, quando ainda morava no Espírito Santo, numa 5a. Feira Santa, pretendendo participar de uma procissão de disciplinantes, sua mãe não permitiu, dizendo-lhe que disciplinar-se era usar do costume dos egípcios e gentios,

“porque Deus defendera seu povo de Israel que não arrancasse os cabelos nem tirasse o seu sangue”,

mandando-o crer no

(58). — Depoimento de Paulo Serrão. *Ibidem*.

(59). — *Ibidem*.

(60). — *Ibidem*. “... o que foi uma das principais cousas para êle Bento Teixeira não acabar seus estudos...” segundo as palavras dêle próprio na Petição do Reu ao Visitador aos 17-9-1595 contida no proc. cit.

“Deus verdadeiro, criador do céu e da terra e se livrasse de abusões” (61).

Usou palavras convincentes para persuadí-lo. Mais: deu-lhe 1 tostão para que não se disciplinasse. Ele obedeceu.

A partir dessa data, Bento Teixeira foi iniciado na doutrinação do Judaísmo, mesmo contra a vontade de seu pai que ao saber disso deu-lhe uma surra, além de

“razões muito eficazes para que fôsse cristão” (62).

Sua mãe, Leonor Rodrigues continuou a ensiná-lo: que cresse em Deus que fêz o céu e a terra sòmente, e não em Cristo Nosso Senhor porque o que fêz o céu e a terra era o verdadeiro e os mais deuses eram demônios; que por observância da Lei não comesse nenhuma carne que fôsse afogada se não sangrada porque o defendia Deus; que quando rezasse os Salmos, não dissesse o glória, mas sòmente louvasse a Deus criador do céu e da terra que tirou seu Povo do Egito. Ensinou-lhe também os jejuns da Lei de Moisés, do qual Bento Teixeira participou muitas vêzes acompanhando a progenitora. Outras, por ser moço, queria quebrar o jejum, mas sua mãe o incitava a mantê-lo

“e para o persuadir a isso mais fàcilmente, lhe metia na cabeça que lhe havia de nascer um dente de ouro” (63).

O culto das imagens passou a ser para Bento Teixeira uma abusão idólatra. Apesar de tudo, recebera já o Cristianismo na educação jesuítica, e via o pai totalmente desagradado do Judaísmo, elementos que tornaram Bento Teixeira confuso, sem saber, aos 15 anos, se queria ser cristão ou judeu. Foi então que sua mãe recorreu ao cristão-nôvo Francisco Lopes que teve a missão de persuadí-lo a decidir-se pela religião de Moisés. Entre os argumentos usados por Francisco Lopes, estava o da salvação que garantia só seria possível na lei judaica, dando, por sua vez,

“razões muito eficazes para que não fôsse cristão”.

Fazia ver a Bento Teixeira ser seu pai um mentecapto, que não sabia o que dizia. Acabou por convencê-lo. Incitou-o então a circuncidar-se, o que não se realizou pela interrupção inesperada de Manuel

(61). — Confissão de Bento Teixeira à Mesa do Santo Officio em Lisboa, aos 18-11-1597. In proc. 5.206 cit.

(62). — Depoimento de 19-11-1597. *Idem.*

(63). — *Ibidem.*

Álvares de Barros, que feriu Francisco Lopes com uma estocada e maltratou o filho. As mulheres eram, na sociedade colonial as mais aferradas à tradição hebraica. O caso de Leonor Rodrigues não é o único. No próprio processo de Bento Teixeira aparecem outros exemplos como os de Ana Tristão que circuncidara seu marido Gomes Aires e o fizera judeu (64). Violante Fernandes ensinava sua filha, Guiomar Barbalha, dizendo que só ela se parecia consigo, os outros quatro filhos mandava-os aos diabos por serem filhos de cristão-velho (65). A mulher de Pero Vieira guardava a Lei de Moisés

“porque assim o mandava sua mãe Maria Pires fazer” (66).

A avó de Manoel da Rocha reclamava do neto, falando da guarda da Lei judaica:

“mais sabe uma velha do meu tempo que quatro mancebos do vosso porque aqui está êste meu neto que com ser um chapado ledor e escrivão não sabe nada da dita lei de Moisés e agora sabe o que eu lhe ensinei”.

Ao que retrucava o neto dizendo ter seu pai dado já alguns ensinamentos, como o de adorar a um só Deus, motivo pelo qual a avó mais se lamentava:

“pois para êsse que te ensinou ensinei eu isto que tu dizes e mais ainda” (67).

A partir do momento em que Bento Teixeira aderiu ao Judaísmo, passou êle a conviver com outras pessoas que faziam o mesmo, e a se reunir com freqüência com Francisco Lopes, para tirar as dúvidas que pudesse ter sobre a Lei Mosaica. Declarou-o o próprio Francisco Lopes após um jantar com Bento Teixeira em casa de Diogo Meireles:

“... já vos tenho dado todo o carregó que haveis de ter quando nos ajuntarmos qual he de por as dúvidas” (68).

E assim era. Bento Teixeira perguntava a todos que o pudessem esclarecer. Informava-se, por exemplo, com Francisco Pardo e com Diogo Meireles sobre o que devia rezar na hora da ceia nos dias em

(64). — Depoimento de Bento Teixeira à Inquisição, aos 19-11-1597.

(65). — Depoimento de 29-11-1597.

(66). — Depoimento de 3-12-1597.

(67). — Depoimento de 6-12-1597.

(68). — Depoimento de 20-01-1597.

que tivesse jejuado, Francisco Pardo dizia que êle rezava a oração dos Maniqueus e do rei Manassés quando cativo na Babilônia, Diogo Meireles rezava os salmos de Daví sem o Glória final, mas com uma capitula

“benedicto et charitas et sapientia et gratias actio honor virtus et fortitu de Deo nostro”, porque “nessa capitula fala-se com Deus só e não com as pessoas” (69).

Pardo e Meireles esclarecem ainda Bento Teixeira sôbre o problema do Purgatório, usando o Livro dos Macabeus. À dúvidas sôbre a Santíssima Trindade, a resposta é simples:

“se Trindade fôsse assim, Deus o revelaria a seu Povo” (70).

Gradativamente Bento Teixeira foi substituindo a crença cristã pala hebraica. Quando continuou a estudar, já era ocultamente judeu. E ser judeu, no tempo, era ter outra visão intelectual do mundo, diferente da cristã. Bento Teixeira foi solicitado pois por duas culturas, posto diante da necessidade de optar por uma delas.

*

1. — A opção possível.

Bento Teixeira tinha de adaptar-se ao meio, como cristão ou como judeu. Que valores aceitou realmente? A análise de sua vida e obra — desdobramento de sua vida — podem dar a resposta.

Filho de lavrador que talvez não tenha tido tempo de constituir fortuna, pois deixou-o órfão e pobre, Bento Teixeira não quis ou não pôde seguir a profissão paterna. Cultivou o espírito. Mestre leigo, numa sociedade inculta onde o ensino era exclusivamente ministrado pelo clero, sentiu a pressão do meio em que vivia, talvez mais intensamente que os outros, dada a sua sensibilidade de espírito.

Bento Teixeira optara pelo Judaísmo, solução proibida nos domínios portugueses do tempo. Teve pois de se adestrar em procedimentos defensivos, como a simulação: aperfeiçoar engenhos que possibilitassem as vivências mais ou menos religiosas inerentes à fidelidade aos princípios e à tradição do Mosaismo (71). Como hebreu, adotou um mimetismo defensivo: o cripto-judaísmo.

(69). — *Ibidem.*

(70). — *Ibidem.*

(71). — Para Roth, “o Judaísmo, mesmo o menos tradicionalista é sobretudo uma norma de vida, mais que um meio de credo, e o marranismo não deixou nunca

O meio hostil gerara o cripto-judeu e oferecera como saída o bi-frontismo. Os neófitos passaram a ter duas religiões: o Cristianismo aparente, o Judaísmo às ocultas.

Ser judeu, no tempo, implicava na crença em um único Deus, fé na Aliança, respeito à Lei dada a Moisés. Disto derivavam, quando possível, uma série de práticas, como a guarda dos sábados, restrições alimentares, espera do Messias e da Terra da Promissão, vontade de observar a Lei. Pressupunha uma aceitação, apenas epidérmica, das tradições, usos, crenças do meio cristão.

Em vários momentos de sua vida, com sua mãe, com seus mestres Francisco Pardo e Diogo Meireles, com outros judaizantes, Bento Teixeira fez profissão de fé. Declarou acreditar apenas num Deus criador do céu e da terra, que dera sua lei a Moisés no Monte Sinai, e salvara seu povo do cativo do Egito. Só nessa lei diziam estava a salvação das almas (72).

Por respeito à Lei Velha, Bento Teixeira procurou realizar ao longo de sua existência algumas cerimônias, como a guarda dos sábados, quando trocava camisa. Mandava sua mulher Felipa Raposa limpar a casa às sextas feiras, acender candieiros com mechas novas. Passou a não comer carne que fôsse afogada, senão sangrada e peixe sem escama (73).

Com a mãe, Bento Teixeira fez muitas vêzes os jejuns rituais, comendo só à noite depois de saídas as estrêlas, principalmente às segundas e quintas feiras

“porque Deus por meio dêsses jejuns perdoava ao pecador e fazia muitos bens e quem os fazia tinha muitos merecimentos diante dêle” (74).

Ser cripto-judeu foi a solução encontrada por Bento Teixeira, para permanecer fiel às suas origens, num meio que lhe vedava tal coisa. Num meio que desconfiava do cristão-nôvo.

“Se antes que eu nascesse me perguntassem qual queria ser filho, de cristão-velho se de nôvo, e eu por minha eleição tomara ser filho de cristão-nôvo, merecera ante VV. MM. castigo, mas se Deus nosso

de participar de sua natureza”. Roth (Cecil), *A history of the Marranos* (Filadélfia, 1941), pág. 134.

(72). — Proc. 5.206, *passim*.

(73). — Depoimento de 19-11-1597. Proc. 5.206 cit.

(74). — Depoimento de 18-11-1597. *Idem*.

senhor foi servido de que meu pai fôsse cristão-nôvo e eu fôsse seu filho, que culpa tenho eu?" (75).

Com tais frases Bento Teixeira tentou abrandar o coração dos Inquisidores, precavendo-se contra a má vontade que imaginava possível dada sua condição de converso. Abona-as com extenso arrazoado latino (76).

O preconceito com o judeu era vivo também na Colônia, não só na Metrópole. As palavras de Bento Teixeira mostram que êle era sensível à pressão que o meio exercia sôbre os de sua condição. Estava diante de uma contingência biológica: não podia esco'her não ser judeu. Apenas não contava aos Inquisidores que na Colônia o preconceito era com o judaizante não com todo o cristão-nôvo. Como precisava conseguir dos Inquisidores um crédito de confiança — não maculassem seus julgamentos a má reputação que os de sua raça gozavam — suplicava a seus juizes que esquecessem de sua condição e apenas vissem nele o homem (77).

As reações anti-semitas devia estar Bento Teixeira habituado. Tinham começado em seu próprio lar onde sua mulher Felipa Raposa dizia que seus pecados (78) haviam-na ajuntado com êle

“que era cristão-nôvo fedorento” (79).

Em Igarassú gozava de fama pública de judeu. Porisso seus atos irritavam a certos moradores, como Tristão Barbosa, que deu entrada na justiça secular a um auto contra êle, que andara jurando públicamente

“pelas partes vergonhosas da humanidade de Nossa Senhora” (80).

(75). — Papel entregue ao alcáide do cárcere de Lisboa para ser entregue à Mesa do Santo Ofício, aos 8-1-1596. *Idem*.

(76). — O extrato é o seguinte: “Por esta causa mesma que gostaria que me recebessem eu procuro em vós o asilo de piedade de Inquisidores que é tão amplo que qualquer um teria ousado pedir a vós, mas afastado o engenho humano, que vos possa vossa humaníssima natureza mover vossa clemência que é comum para a humanidade Então eu vos peço que considerem a minha humanidade como a alguns que saíram daqui foi considerada. Então por que eu vou descspeiar de vossa benignidade?” Proc. cit.

(77). — *Ibidem*.

(78). — Felipa Raposa adulterava públicamente na Bahia e em Pernambuco. Proc. cit.

(79). — *Ibidem*.

(80). — Inquirição que se fez contra Bento Teixeira em Olinda em março de 1589. *Idem*.

Antônio Madureira declarou ao juiz Gaspar Francisco, da dita Igarassú:

“... se V. M. faz castigar êsse judeu, fará um grande serviço a Deus porque está tido por máu cristão e é muito desbocado e desenfreado em juramento” (81).

Vários outros depoimentos no mesmo teor foram feitos a D. Bento Pais, Ouvidor da Vara Eclesiástica (82).

Ser cripto-judeu talvez tivesse parecido a Bento Teixeira a grande oportunidade de exercitar a supremacia de sua inteligência. Tinha um programa a cumprir e êste requeria argúcia, astúcia, dissimulação, pois devia ser cumprido sob a mais cândida aparência de submissão à Igreja de Cristo e ao Rei de Portugal. Poderia ter seduzido a um homem vaidoso de sua cultura, consciente da superioridade de seu espírito sôbre os homens com quem convivia. Provas de sua auto-valoração abundam no processo. Aos Inquisidores, escrevia

“... porque se no Brasil onde não vai senão a escória do mundo, havia tão fino judeu como eu...” (83).

A frei Damião, por exemplo, superior de São Bento em Olinda, criticou, enquanto conversavam sôbre o pecado original, com as seguintes palavras:

“toma V. R. fraco escudo pára se defender do argumento, e confesse que não sabe responder *more* eclesiástico e entenda que é certa levada de idiotas aprovarem ou reprovarem as cousas sem darem o *quia* nem o *propter quid* porque se Aristóteles não perdoou ainda a Moisés (falando uma verdade abonada por Deus) só porque não provava o que dizia porque não chamarei a V. R. o que quizer, pois reprova e calúnia meu argumento sem dar razão...” (8). E continuava: “... padre, se os legistas dizem *exubescimus cum sine*

(81). — *Idem*. O hábito de jurar e blasfemar parece ter sido comum aos colonos sem porisso suscitar dúvidas contra a integridade de sua fé. Foi combatido principalmente pelos jesuítas. No Espírito Santo, por exemplo, o Pe. Braz Lourenço criou uma confraria contra juras e blasfemias, instituindo muitas cujo produto destinava-se ao dote das órfãs. Leite Pe. Serafim (S. I.), *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, pág. 217.

(82). — Proc. 5.206 cit., onde estão contidos êstes autos.

(83). — Papel entregue aos Inquisidores aos 30-12-1598.

(84). — Proc. 5.206 cit.

lege loquimur, quanto mais se há de correr um pregador que se alfaia de teólogo como V. R. não dar razão do que diz” (85).

Sentia-se superior ao beneditino. Superior ao teólogo.

Essa auto-valorização excessiva foi por Bento Teixeira mantida mesmo dentro do Santo Ofício. Da sua comunicação com outros presos sficaram provas. Sôbre Diogo d’Orta declarou Bento Teixeira

“não fazia senão consultar comigo, como com outro oráculo de Delfos sôbre o que faria” (86).

Discutindo com Lopo Nunes:

“Lopo Nunes, com quem cuidais que falais? Porventura cuidais que falais com Adrião o alfaiate ou com outro idiota como êle? Falais com um homem que toma no ar a palha de fino como um alambre e com um filósofo que escasca êsse céu como uma cebola” (87).

Consciente de sua superioridade, Bento Teixeira entregou-se à execução do programa do cripto-judaísmo colonial: resistir à assimilação, exercer proselitismo sôbre o grupo cristão-nôvo, manter dupla condição social e religiosa.

Bento Teixeira em tôda sua vida deixou transparecer compromissos mentais com a cultura judaica quer em suas idéias, quer em seu comportamento. Resistir à assimilação implicava, basicamente, resistência ao Cristianismo. Reflexo disso a convivência com Francisco Pardo

“grande rabino que estivera muito tempo em Roma e em Nápoles e lá tratara nas sinagogas com os judeus”

e fôra depois lavrador de canas e mercador em Pernambuco (87). Fruto da convivência, o estudo comparativo entre os dois credos, no qual Pardo servia de mestre:

(85). — Proc. 5.206 Sentia-se com autoridade para fazer a frei Damião, superior do mosteiro em que estava homiziado por crime de morte, observações sôbre o modo de tratar aos irmãos da Ordem: “que tratasse bem os irmãos, e que lhes não chamasse filhos de vilãos ruins”. Ameaçava-o, com alusões a seu comportamento: “E também que sua reverência pois era religioso não devia de chamar aos homens cornudos, nem trazer calções de setim, nem comprar couras de 6\$000”. Refeia-se à fama pública de que gozava o dito frade de relacionar-se com uma Isabel Raposa e outra Ana Lins e mais algumas mulheres casadas ou não, comprando coura por 6 e 7\$000 para trazer à noite. Papel entregue por Bento Teixeira à Mesa aos 18-1-1596. In proc. cit.

(86). — Papel de 30-12-1598.

(87). — *Ibidem*.

“pois vós sois lido e latino e entendido, poreis as dúvidas e eu as resolverei” (87a).

Mais tarde, coube a Bento Teixeira aproximar-se de seus companheiros de crenças para dirimir-lhes as dúvidas. Exemplos: Violante Fernandes chamou-o, na ausência do marido, reunindo-se com êle e com suas irmãs Andreza Jorge e Inês Fernandes, para ouvir a leitura da Bíblia e as cerimônias ali prescritas principalmente no Levítico (88). Pediam elas a Bento Teixeira que lhes esclarecessem sôbre a vinda do Messias, ao que êle teria respondido

“basta crerem Vossas Mercês que não é ainda vindo e terem a Lei do Senhor escrita nos corações, sem a descobrir a ninguém” (89).

Dispensa no caso maiores argumentos

“dos quais Vossas Mercês não são capazes, por serem mulheres” (90).

Em casa de Gabriel Pinto, com Luís Gomes e Pero Vieira esclareceu dúvidas sôbre a Lei de Moisés e a salvação das almas (91).

Tinha sempre Bento Teixeira o cuidado de assegurar-se das cerimônias que estavam sendo feitas para a guarda da lei. Assim o fêz com Violante Fernandes que desejava ser enterrada ao modo judaico; assim o fêz com Manuel Fernandes e com suas filhas Catarina Fernandes e Ana Lopes.

O grupo dos judaizantes procurava unir-se. Descobriam-se a Bento Teixeira, que devia exercer certa liderança sôbre êles. Bento Teixeira foi pôsto em contacto com os judaizantes por seu primo Ruy Teixeira, que ao apresentá-lo ao mercador Pedrálvares dissera

“eu me vou para o Reino fique V. M. embora. Aquí lhe deixo êste meu parente por penhor; bem pode V. M. fiar dêle que é bom bicho no segrêdo” (92).

(87a). — Depoimento de 28-11-1597.

(88). — Depoimento de 29-11-1597.

(89). — Depoimento de 29-11-1597.

(90). — *Ibidem*.

(91). — Depoimento de 19-11-1597.

(92). — *Ibidem*.

Depois, ganha já a confiança do grupo, foi o próprio Pedrálvares que referindo-se a Pero Novaes declarou a Bento Teixeira que era

“tão fino judeu como eu e V. M.” (93).

Em conversa com Bento Teixeira a avó de Manoel da Rocha falava das cerimônias que praticava e outras coisas

“que V. M. saberá também melhor que eu” (94).

O cirurgião Manuel Esteves declarou a Bento Teixeira:

“ainda que Diogo de Meireles e Francisco Pardo me não descobriram quem V. S. era, eu pela pinta como bom taful a carta conheço e sei que é da nação...” (95).

O modo de aproximação dos falsos conversos foi dado a conhecer a Bento Teixeira por Diogo de Meireles, quando aquêlê procurava se aproximar de Violante Fernandes. Meireles aconselhou-o: deitasse êle duas palavras perdidas e se o interlocutor acudisse a elas, fizesse de conta que aferido bastava

“que êsse é o meio por donde no Brasil se vem a entender uns judeus com os outros, deitando algumas palavras perdidas para ver se acodem” (96).

E assim o fêz Bento Teixeira, conseguindo que Violante Fernandes contasse a êle ser cristã só de aparências (97).

Precavinham-se os seguidores da Lei de Moisés. Bento Teixeira, chamado à casa de Violante Fernandes ao encontrar lá suas irmãs, reclama:

(93). — Depoimento de 9-12-1597.

(94). — Depoimento de 11-12-1597.

(95). — Depoimento de 29-11-1597.

(96). — *Ibidem*.

(97). — Acabando de dar lição à filha de Violante, porque esta lhe fizesse uma mesura disse êle à mãe: “Ainda V. M. veja em seus dias os filhos dessa senhora que é uma das benções que o Senhor lançava antigamente”. Retrucou Violante: “Por que agora não nas lança?” B. Teixeira: “Dizem os cristãos que já isso é acabado”. Violante: “Acabados os veja eu e os nossos bens principiados”. B. Teixeira: “Quando há isso de ser?” Violante: “Espero eu no Senhor que fêz o seu nome em 4 letras que antes que eu morra os hei de ver os ditos bens que assim o disse minha mãe que com esta mágoa foi à cova”. Depoimento de 29-11-1597.

“pois tão público ramo de taverna me faz V. M.?”.

Socegou-o logo Andreza Jorge:

“Não cuide V. M. que está entre mulherinhas, senão entre gente de pedra e cal” (98).

Inês de Paiva, aos 13 anos, descobrindo sua iniciação no Judaísmo a Bento Teixeira, foi por êle ameaçada de pancadas

“que a mandaria açoitar ásperamente se ela dizia mais aquilo a alguém e se descobria o que a dita sua avó lhe ensinava” (99).

Algumas circunstâncias houve, no dia a dia, que favoreceram àquêles que timbravam em se manter judeus. O casamento dentro do grupo era uma delas. Pero Vieira disse a Bento Teixeira que guardava os sábados e observava leis alimentares e

“que isto fazia com muita confiança porque estava apartado do concurso e trato de gente e também por a dita sua mulher ser cristã-nova, para as quais cousas ela sua mulher não se queria rogada mas ela própria de si as fazia” (100).

Já o matrimônio com cristão-velho dificultava as práticas hebraicas. Ana Lopes não ousava fazer as cerimônias por temor a seu marido, cristão-velho. Para jejuar, por exemplo, retirava-se para sua granja e lá ficava sem comer o dia todo sem que ninguém o notasse (101). Sebastião de Peralta observava os rituais melhor quando estava na granja onde não tinha qualquer impedimento (102). O médico Manoel Esteves pretendia comprar uma quinta em Viana onde vivesse com mulher e filhos longe das vistas dos outros para poder ensiná-los na Lei de Moisés (103).

Bento Teixeira, casado com cristã-velha deve ter-se queixado disso a Luís Gomes, que acabou por sugerir-lhe que matasse a mulher prometendo casá-lo depois em Lisboa com uma parenta

“que ao fim é de vossa nação e sangue e o sangue não se quer rogado e tirar-vos-ei do poder de uma gentia má mulher com a

(98). — Depoimento de 29-11-1597.

(99). — Depoimento de 1-12-1597.

(100). — Depoimento de 3-12-1597.

(101). — Depoimento de 5-12-1597.

(102). — Depoimento de 9-12-1597.

(103). — Depoimento de 11-12-1597.

qual ainda que quiraís servir ao Senhor Deus e guardar a Lei não podeis” (104).

Além de ser elemento de coesão dos cripto-judeus, Bento Teixeira exerceu proselitismo sobre os cristãos-novos. As provas são abundantes em todo o processo: confessadas por êle mesmo, como as reuniões mantidas na Bahia e em Pernambuco onde se discutia a crença de Moisés. Reuniões freqüentadas por cristãos-novos, que estavam sendo doutrinados.

Fácil deveria ter sido o exercício dessa ação proselitista pois grande era o número de cristãos-novos na Colônia. Além do mais, como mestre, tinha nos alunos ótima seara a semear. Talvez por isso tenham muitos pais preferido suas aulas às dos jesuítas (105). Bento Teixeira ensinou filhos de judaizantes, como Guiomar Barbalha, filha de Violante Fernandes, ou Inês de Paiva neta de Maria Lopes. Gabriel Pinho, morador em Itamaracá instou com êle para que puzesse lá escola (106).

Na Bahia perguntara a Jorge Tomaz, o pequeno, cristão-nôvo, se seu pai o ensinava a judaizar. Ouvindo resposta negativa exclamara

“não vos ensina bem” (107).

Irritado por ver o cristão-nôvo Aires Serrão freqüentar a igreja, exclamara

“a quem vem cá êste judeu de bota caída que êste e outros como êle nos deshonram, que eu e outros da minha laia somos judeus honrados e êstes patifes” (108).

Em têrmos religiosos, Bento Teixeira conseguiu por longo tempo manter uma dupla posição.

Guardava exteriores de bom cristão. Provava conhecer bem a doutrina e realizar obras piedosas.

Tôdas as vêzes que lecionou, afirmava o próprio Bento Teixeira, instruiu os alunos

(104). — Depoimento de 2-12-1597.

(105). — Tal argumento Bento Teixeira usou para a Inquisição, querendo mostrar seu cristianismo. “E vendo todos em geral quanto imprimia meu ensino e doutrina nos moços, tiravam seus filhos da escola e estudo dos reverendos padres da Companhia e mos entregavam”. Proc. 5.206 cit.

(106). — Depoimento de 2-12-1597.

(107). — Denúncia de Jorge Tomas, o pequeno in proc. cit.

(108). — Denúncia de Antonio Madureira. *Idem*.

“na doutrina cristã e cousas de nossa santa fé e bons costumes”
“tôda a reputação devida a um bom mestre e bom cristão procedendo em tudo católica e exemplarmente sem nunca ser notado de cousa contra nossa santa fé” (109).

Isto succedeu em Olinda, repetiu-se em Igarassú, onde afirmou ter ensinado a seus discípulos

“a doutrina cristã e bons costumes fazendo-os freqüentar a igreja, e freqüentando-a com êles”,

no Cabo de Santo Agostinho, onde ensinou a mais de 30 moços

“tudo aquilo que é obrigado católico mestre, freqüentando os sacramentos assim êles ditos moços como êle seu mestre, ouvindo missa, confessando-se e comungando e cumprindo com o devido a bom cristão” (110).

Várias testemunhas falaram ao Santo Ofício sôbre Bento Teixeira. Ambrósio Fernandes Brandão viu

“no exterior Bento Teixeira proceder bem sem lhe ver fazer nem ouvir que fizesse cousa contra a santa fé católica” (111).

Pero Lopes viu-o

“ir à missa e rezar muitas vêzes por umas horas e algumas vêzes perante êle, testemunha disse que desejava ter muitas letras para sempre argumentar contra os herejes e judeus e mostrar-lhes que andavam errados” (112).

Antônio Casado comprovava sua presença na Igreja,

“nos officios divinos, ajudando a enterrar os defuntos e quando às vêzes faltava o vigário, êle os encomendava pelo livro e muitas vêzes ajudava nos officios da Igreja” (113).

(109). — Palavras de Bento Teixeira na petição ao Visitador de 19-9-1594. Tais palavras foram ratificadas pelos testemunhos de Baltazar Leitão, homem dos da governança de Olinda, Álvaro Velho Barbalho, Pero da Costa, todos cristãos-velhos, pessoas de destaque na sociedade pernambucana. Proc. cit.

(110). — *Ibidem.*

(111). — Petição ao Visitador, de 19-9-1594. In proc. 5.206.

(112). — *Ibidem.*

(113). — *Ibidem.*

Simão Fernandes

“nunca ouviu dizer do dito Bento Teixeira nem de seu pai ou mãe cousa nenhuma contra a santa fé católica” (114).

Seus condiscípulos, padres Manoel do Couto e Calixto da Mota diziam não se notar nele

“cousa contra nossa santa fé” (115).

Tão seguro estava Bento Teixeira das aparências de católico ortodoxo que dava, que diante da Mesa Inquisitorial de Lisboa citou como testemunha do bom conceito que gozava ao próprio Visitador do Santo Ofício, Heitor Furtado de Mendonça! . . . (116).

Paralelamente, guardou a lei hebraica, como pôde. O batismo não significara apostasia desde que fôsem conservadas algumas práticas essenciais de sua religião. Em casos de absoluta impossibilidade, o desejo de observar as práticas era o suficiente para manter o converso unido à comunidade de seus ascendentes. Éditos rabínicos do tempo amparavam tal comportamento (117).

Bento Teixeira não podia guardar os sábados, deixando de lecionar nesse dia, guardou, portanto, as quartas feiras, como o faziam os jesuítas, pois

“ainda que tinha grande afeição a seus erros, não queria perder o estipêndio que tinha de mestre, como cuidava que perderia, se desse os sábados de folga aos moços” (118).

Guardava portanto os sábados na tenção, como o guardavam outros cristãos-novos. Maria e Sebastião de Peralta, por exemplo, também declararam que quando não podiam guardar o sábado por algum impedimento, guardavam na vontade (119). Manuel Esteves, médico, declarara que

(114). — Contraditas de Bento Teixeira aos ditos das testemunhas. 19-9-1595. Proc. 5.206 cit.

(115). — *Ibidem*.

(116). — “Em minha abonação ante Vossas Mercês dou por testemunha o Visitador Heitor Furtado de Mendonça, o qual sabe muito bem o conceito que tinha de mim todo o Pernambuco”. Papel apresentado à Mesa aos 8-1-1596.

(117). — Enciclopédia Judaico-Castelhana, vbo. *conversos*. (México, 1948), III, pág. 53.

(118). — Depoimento de 28-11-1597.

(119). — Depoimento de 9-12-1597.

“se curar não fôra cousa tão pública, que nem aos sábados hou-
vera de vir visitar ninguém, mas que todavia na sua tenção guarda-
va tão perfeitamente como se estivera em liberdade e que isto só
bastava para com Nosso Senhor” (120).

Realmente essa vontade de ser judeu e de guardar a lei bastava
no tempo. Leonel Mendes Pinto sintetizava as diretivas da religião
de Moisés para seu irmão Gonçalo:

“qualquer cousa basta com teres fixa a fé do Senhor Deus em
seu peito, porque êle não come senão corações e basta fazermos
qualquer cousa pois estamos cativos” (121).

Em outros atos de sua vida Bento Teixeira procedia de acôrdo
com as possibilidades. Quando rezava os salmos, a sós, terminava-os
com louvores a Deus criador do céu e da terra que tirara seu Povo do
Egito, não obstante

“quando lhe parecia que alguém o podia ouvir, dizia o *Gloria-
-Patri*” (122).

Se comia carne de porco, era por comprimento, quando estava
com gente, a sós recusava-se a comê-la por achar abominação (123).
Jejuava se estivesse com companheiros de crença, abstinha-se de fa-
zê-lo diante de olhos profanos. Aliás êsse tipo de procedimento apre-
ndera com sua mãe que jejuava todos os dias do ano menos sábados e
domingos,

“porque a iam visitar nos ditos domingos, por não terem dela
ruim conceito as pessoas que a iam ver” (124).

Para se dissimular e acreditar como cristão, jantando com Pero
Lopes Camelo, cristão-velho que disse se prezava, comunicou-lhe que
iria tomar a Bula da Cruzada (125).

No entanto, Bento Teixeira mostrava seu desprêzo pelo Cristia-
nismo e pela Igreja blasfemando. Frequentes vêzes jurou

(120). — Depoimento de 11-12-1597.

(121). — Depoimento de 12-12-1597.

(122). — Depoimento de 19-11-1597.

(123). — Depoimento de 11-12-1597.

(124). — Depoimento de 18-11-1597.

(125). — Depoimento de 12-12-1597.

“pelas partes secretas de Nossa Senhora”, “pelas tripas de Cristo nosso Redentor” (126). Comparava “o Papa e o Santo Consistório dos Cardeais às partes vergonhosas do homem e da mulher” (127).

Repreendido por Jorge Tomáz, o pequeno, por dizer mal dos sacramentos estando para se ordenar padre, respondeu-lhe que

“antes êle arrebetasse pelas ilhargas que chegar a ser de missa, e que assim andava por comprimento” (128).

Em discussão com os monges de São Bento, Bento Teixeira afirmou, cìnicamente:

“cada um argumenta com a sua própria crônica”.

No dia do Juízo saber-se-ia qual a lei melhor, se a dos Judeus, se a dos Cristãos (129).

A João Pinto declarou que a melhor parte que tinha era a de cristão-nôvo (130).

Traduziu a Bíblia em linguagem a pedido de Violante Fernandes. Tinha e lia a “Diana” de Jorge de Montemór, proibido pela censura inquisitorial.

Diante de Braz da Mata disse que sua casa era tão sagrada quanto a igreja. Ao ouvir Antônio da Rosa ensaiar a cantiga

“Trino solo y uno, / uno, solo y trino, / no es otro alguno / sino Dios divino”,

declarou ser falsa tal proposição.

Em discussões com religiosos afirmava que Adão mesmo se não tivesse pecado morreria e que se o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, Deus não lhe daria no outro mundo penas, mas sua consciência é que o atormentaria.

Proposições heréticas para a doutrina cristã redefinida por Trento:

(126). — Proc. cit., *passim*.

(127). — Publicação dos ditos das testemunhas.

(128). — Denúncia de Jorge Tomaz in proc. 5.206.

(129). — Depoimento de frei Damião. *Idem*.

(130). — Denúncia de João Pinto. Publicação do Libelo.

Ainda quando clérigo, perguntara a Jorge Tomaz

“para que se confessava ou comungava, que êle Bento Teixeira por cumprimento o fazia e que para que era tomar o sacramento que logo em fazendo câmara o lançava pelo trazeiro fora” (131).

Bento Teixeira fêz de tôda sua vida um esforço para se manter judeu e aparentar ser cristão. O seu casamento com Felipa Raposa, de família nobre, cristã-velha, principal da terra, enquadra-se nisto.

Na sociedade, tentava agradar à maioria, fingindo ódio aos homens da nação. Na Petição a Furtado de Mendonça, escrevia, aos 19-9-1594, que

“tratou sempre com homens nobres e cristãos-velhos, principalmente com todo o gênero de religiosos que então havia na dita Bahia, fugindo sempre à conversação da gente cristã-nova e não tendo trato nenhum ou comércio com ela, abominando e detestando seu depravado modo de viver em muitas cousas e chegando ao extremo que êles queriam entranhavelmente mal a êle e êle a êles”.

Abonaram tais assertivas muitas testemunhas entre as quais os jesuítas Manoel do Couto, Calixto da Mota e o reitor Vicente Gonçalves (132).

Em outro papel declarou que

“fugiu da conversação da gente cristã nova e de tôda aquela que se podia ter suspeita dela, pelo qual todos os homens da nação lhe queriam mal, e tendo por costume favorecer uns aos outros, a êle, Bento Teixeira, sempre perseguindo” (133).

Confirmando, o Pe. Manoel do Couto declarou que

“não quer bem a cristãos-novos e alguns cristão-novos dêste Pernambuco entende que lhe não tenham boa vontade”.

O Pe. Gonçalo de Oliveira testemunhou ter visto Bento Teixeira

“Costumar praguejar e dizer mal dos cristãos-novos, que são falsos, enganadores, e outros males e que geralmente tem visto e

(131). — Denúncia de Jorge Tomaz, o pequeno.

(132). — Petição de 19-9-1594.

(133). — Petição e artigos de sessão e contraditas do Reu apresentadas ao Visitador.

conhecido cristãos-novos aqui e na Bahia quererem mal e terem ódio ao dito Bento Teixeira por êle se não dar com êles e praguejar dêles” (134).

Entre os inimigos que poderiam depor contra êle, por dissensões pessoais, Bento Teixeira enumerou quase que exclusivamente cristãos-novos, como Diogo Meireles, Diogo Correa, James Lopes, Pero Lopes Gallegos, Pe. Simão Proença. (135).

Consequia Bento Teixeira dar aparência de veracidade ao seu divórcio do grupo hebraico, no entanto, a realidade era bem outra. Era êle depositário da confiança de cristãos-novos e de cripto-judeus na Colônia e no Reino. Foi êle próprio que o confessou depois aos Inquisidores:

“os homens da nação de Pernambuco me tinham por sua cevideira e por homem em quem seguramente podiam depositar qualquer cousa, por mais grave e importante que fôsse” (136).

Invocando o crédito da Mesa para as declarações que fazia:

“creiam-me Vossas Senhorias como a quem tratou tôda a sua vida com êles e os conhece melhor que a sí próprio” (137).

Gaspar Lopes Homem pedia-lhe na prisão que continuasse negativo em suas confissões, pois nele, Bento Teixeira

“está agora a chave do Brasil”,

pois

“assim se esperava de um homem de minhas prendas e que fazendo-o assim, faria dois bens: um geral a todos que conheciam assim de fama como de vista e outro particular a mim e a meus parentes” (138).

Ainda em conversa com o dito Gaspar, Bento Teixeira relata à Mesa ter-lhe dito:

(134). — *Ibidem*.

(135). — *Idem* e Contraditas apresentadas pelo reu após a publicação dos ditos das testemunhas.

(136). — Aviso 1º mandado por Bento Teixeira à Mesa.

(137). — Aviso 2º mandado por Bento Teixeira à Mesa.

(138). — Título do que passei com Gaspar Lopes Homem.

“êsses abonos faça Vossa Mercê lá diante de cristãos-velhos e não a mim que sou ladrão de casa e sei o cantos dela e conheço o pano pelo ourelo, como mercador de pano” (139).

Confessou saber que só fôra realmente culpado por uma pessoa da nação: Maria Lopes, que o fizera disso sabedor através do neto, Sebastião Peralta.

“Sabia que as pessoas cristãs-velhas eram as que me culparam e se nas contraditas não dei logo de frechas nelas foi por Vossas Senhorias não suspeitarem que sabia logo diretamente que pessoas eram e assim fui entremetendo algumas pessoas de que me não temia, entre as de suspeita, por Vossas Senhorias não cirem nesta invenção de que usam os cristãos-novos” (140).

Realmente Bento Teixeira deve ter tido inimigos pois era

“brigoso e revoltoso e solto da língua pela qual razão tinha muitas vêzes diferenças com algumas pessoas” (141).

Mas, segundo depoimento de Pedro Fernandes do Vale,

“em muitas pessoas teve brigas e diferenças, mas que com tôdas estas se tornava logo amigar porque era tão desavergonhado que chamando-lhe muitas pessoas cornudo e outras injúrias semelhantes a esta, logo se tornava a comer com êles” (142).

Apesar das diferenças, continuava a se apoiar nos cristãos-novos. Pediu-lhes apôio quando prêso, escrevendo a dois que citara anteriormente como seus capitais inimigos: Pe. Simão Proença e Diogo de Meireles, ambos da nação (143). Combinara com os néo-conversos os depoimentos que faria para a Inquisição.

Na prisão, continuava a gozar da confiança do grupo: seu primo, o Licenciado Lopo Nunes, vencido um inicial período de desconfiança, declarou

“daquí em diante vos tratarei como quem está no meu andar” (144).

(139). — *Ibidem.*

(140). — Aviso 2º mandado por Bento Teixeira à Mesa.

(141). — Testemunho de seu ex-aluno Jerônimo Fragoso de Albuquerque.

(142). — Depoimento de Pedro Fernandes do Vale.

(143). — Aviso 2º mandado por Bento Teixeira à Mesa.

(144). — Título do que passei com Lopo Nunes.

Beatriz Gomes pediu que lhe ensinasse como e o que confessar (145).

Os cristãos-novos tinham-no ajudado no decurso de sua vida. Bento Teixeira mesmo conta ter ido a Itamaracá

“a ver se lhe contentava aquela terra de Tamaracá a instância de Gabriel Pinto, cristão-nôvo... que o chamava para ir a ela ensinar moços gramática e a a ler e escrever” (146).

Luís Gomes, também da nação, sugeriu que matasse Felipa Raposa que êle se encarregaria de levá-lo para fora do Reino (147).

Bento Teixeira, por sua vez tratou de exercer solidariedade com os descendentes de Moisés. Dava esmolas a Manoel Fernandes, cristão-nôvo. Abaixou o preço da farinha e do azeite do Reino que vendia porque suas compradoras Catarina Fernandes e Ana Lopes deram-lhe a conhecer sua condição de judaizantes (148).

Essa dupla condição de vida acabava gerando para Bento Teixeira uma série de desajustamentos.

Bento Teixeira era um desajustado no casamento por ser judeu, falhando no seu intento de convencer Felipa Raposa a aderir à lei de Moisés. Em papéis à Inquisição contou Bento Teixeira que tendo já um filho e uma filha de Felipa Raposa descobriu-lhe seu judaísmo, mandando-a às sextas feiras à noite preparar a casa, lavar a louça, esfregar os candieiros pondo-lhes torcidas de pano virgem, proibindo-a de lhe dar a comer peixe de coiro, mandando-a matar galinha degolando a ave e cobrindo o sangue com a terra, pois assim o mandara Deus na Lei que dera a Moisés.

Tentara persuadir sua mulher a crer na dita lei. Não conseguira: sua mulher afirmara crer na lei de Nosso Senhor Jesus Cristo e nela esperar a salvação. No entanto Felipa Raposa fêz, por quatro anos, tudo aquilo que lhe fôra ordenado pelo marido

“para o contentar, não por guarda da lei de Moisés pois muitas vezes dizia ela que aquilo eram abusões” (149).

Bento Teixeira era um desajustado no casamento dentro da perspectiva dos valores da sociedade cristã. Escolhera noiva que não satisfazia aos ideais de pureza feminina vigentes no tempo:

(145). — Papel de 30-12-1598.

(146). — Depoimento de 2-12-1597.

(147). — *Idem*.

(148). — Depoimento de 6-12-1597.

(149). — Depoimento de 5-12-1597.

“... preso do lascivo amor de uma Felipa Raposa me casei com ela sendo a dita tão nobre na geração como em seus próprios vícios...” (150).

Casado já, morador na Vila dos Santos Cosme e Damião diz êle que o demônio entrou no coração da mulher

“trazendo-lhe à memória lembranças da passada lascívia e regalada brandura como era tratada pelos mártires diabólicos de seu amor” (151).

Relata Bento Teixeira ao Santo Ofício, a propósito, desabrida e impudentemente, os pecados de adultério cometidos pela dita Felipa Raposa, em várias localidades: Igarassú, Olinda e no Cabo de Santo Agostinho, em que se envolveu com seu diretor espiritual, frei Duarte Pereira, vigário da freguesia de Santo Antônio (152). Bento Teixeira era sabedor de todos êsses casos. Contemporizava, porém. Suas múltiplas mudanças procurando afastar a mulher da ocasião do pecado revelam atitudes bem distantes dos modelos sociais do tempo (153). Segundo declarou, numa última instância, quando brigou publicamente com Pero Lopes Gallegos, e dêle ouviu grosserias e insultuosas palavras sôbre sua condição de marido traído, decidiu-se a matar a consorte. Pouco convincentes as justificativas que apresenta:

“vendo que o negócio era público, e que minha honra andava empenhada por casas alheias e se fazia inventário de minha vida” (154).

Como se as inúmeras vêzes que a mulher tinha procedido mal tivessem ficado em sigilo!... Matou-a então.

Bento Teixeira teve a agravar seu desajustamento social sua condição de homem pobre numa sociedade que valorizava o dinheiro.

(150). — Papel ao Visitador, 8-1-1596.

(151). — *Idem*.

(152). — “... a sobredita Felipa Raposa por não ficar estado em que não tomasse a salva adulterou com frei Duarte Pereira vigário da dita freguesia, sendo sua filha espiritual”. *Idem*.

(153). — A honra era o centro da vida social, verdadeira base da relação entre os homens. Honra que pertencia mais aos outros que a si próprios. A deshonra era pois o pior dos castigos. Honra ligada à virtude, a mulher. Ferida a honra impunha-se a vingança, de imediato. O adultério não tinha perdão. A vingança não podia tardar.

(154). — Papel ao Visitador. 8-1-1596.

Aliás o dinheiro preocupou-o e incentivou-o durante tôda sua vida. Aos 14 anos para que n^o se disciplinasse na quinta feira Santa, sua mãe deu-lhe 1 tostão (155). Para guardar o jejum convenceu-o ainda sua mãe de que lhe nasceria um dente de ouro (156). Em casa de parentes, na Bahia, pedindo-lhe o primo Antônio Teixeira, que traduzisse o Deuteronomio, concordou em fazê-lo, com a condição de ser bem pago (157). Bento Teixeira pediu a Diogo de Meireles que o

“metesse na amizade”

de Violante Fernandes, por ser rica (158).

À busca de dinheiro embrenhou-se na mata atraz de páu-brasil, e, depois, tornou-se mercador de azeite e farinha do Reino (159).

Falando à Mesa sôbre Antônio Jorge a referência que dá é a que

“foi oleiro e é lavrador rico” (160).

Sôbre João Nunes,

“depois de ter muitos mil cruzados se há de ir aposentar na Ilha de Gulfo e *fazer-se senhor absoluto dela a poder de dinheiro*” (161).

Sôbre Miguel Vaz, que viera com fortuna de Pernambuco, disse a Lopo Nunes:

“se vem rico, êsse há de ser acolhido para bem” (162).

A Gaspar Homem aconselhou na prisão inquisitorial:

“perca saudades à fazenda, que esta lança a perder os mais dos que aquí entram” (163).

Aconselhando aos Inquisidores a vigiar os presos que vinham da Colônia, disse:

(155). — Depoimento de 18-11-1597.

(156). — *Idem*.

(157). — Antônio Teixeira pagou-lhe 4\$000 em dinheiro. Depoimento de 19-11-1597.

(158). — Depoimento de 29-11-1597.

(159). — Depoimento de 5-12-1597.

(160). — Depoimento de 6-12-1597.

(161). — Depoimento de 12-12-1597. Grifo nosso.

(162). — Título do que passei com Lopo Nunes.

(163). — Título do que passei com Gaspar Homem.

“principalmente cometeram isso [fuga] algumas das pessoas que eu declarei em minha confissão por ser gente rica e principal no Brasil” (164).

Aliás o despeito pela riqueza era muitas vezes maior que a solidariedade aos de seu grupo. Criticou os ricos:

“usam êles mal com a prosperidade, riquezas e bôa vida que têm...” (165).

No Brasil Bento Teixeira viveu no meio de homens ricos. Os mais ricos da Colônia, talvez, basta lembrar que lá estavam

“homens de 200.000 cruzados”

de quem êle havia anotado cartas para o Reino sôbre o perdão que os descendentes dos hebreus esperavam alcançar do rei Felipe. Con-
tou êle aos Inquisidores que numa delas escrevera:

“Mostrem êste capítulo aos que vão para Madri, e digam-lhes que não reparem com sua real Magestade em dinheiro inda que seja dar-lhe um milhão e meio d'ouro, porque pelo capítulo desta me obrigo a dar eu só 30.000 cruzados de letras passadas à vista e mais me obrigo só no Brasil tirar 400.000 cruzados” (166).

Estes homens tinham poder e prepotência. Ocupavam posições de importância, ou estavam unidos pelo casamento ou pelas dívidas às famílias tradicionais alí radicadas. Seguir as suas idéias ou esposar os seus interesses era o mais cômodo e natural, mas apesar disso Bento Teixeira não podia se colocar em pé de igualdade, pois era pobre. E isso o irritava.

Bento Teixeira tentou lutar contra essa situação com seu intellecto, procurando, com êle ocupar uma posição de maior destaque social. No entanto, Bento Teixeira era um intellectual na sociedade pernambucana de fim do século XVI, onde faltavam — como no resto da Colônia — condições para a vida da intelligência. A densidade do meio cultural em que vivia era fraquíssima (167). Sempre necessitou

(164). — Título do que passei com Manoel Lopes.

(165). — Título do que passei com Lopo Nunes.

(166). — 5º Aviso mandado por Bento Teixeira à Mesa.

(167). — Posteriormente, sim, com a estabilização de um grupo social rico — quando o domínio da paisagem física e humana permitiu maior flexibilidade — houve amparo para os produtores de uma literatura susceptível de distrair os membros dessa ênte do dinheiro em seus longos lazeres.

de quem o protegesse, dada a sua condição de “homem pobre e sem recursos” como escreveu sobre si mesmo em Petição feita ao Visitador Furtado de Mendonça.

Não é de estranhar que a proteção indispensável para sua subsistência como homem de espírito tenha sido buscada na família dos donatários, pois não podia viver de sua atividade intelectual. No entanto, a boa vontade que pudesse ter angariado não serviu, certamente, para afastar ou isolar aquela mistura de compaixão e desprêzo com que a Colônia brindava — e brindou por quase três séculos — os homens de inteligência e as cousas do espírito (168).

Para agradar à família Albuquerque, Bento Teixeira usando uma cultura de fachada — a cultura barrôca portuguesa — escreveu a *Prosopopéia*, dedicada a Jorge de Albuquerque Coelho. Inspirou-se nos clássicos, tomou como modêlo escritores do Reino, esposou-lhes as formas literárias, a temática, captou-lhes os valores.

* * *

II. — A “PROSOPOPÉIA”: A VISÃO DO MUNDO EM BENTO TEIXEIRA.

Tudo quanto se cria na vida cultural é expressão do homem, e porisso adquire significado. A produção intelectual de Bento Teixeira é documento histórico que pode ser usada para situá-lo e compreendê-lo em sua época e na específica situação de sua existência, bem como para a compreensão da vida pernambucana no fim do século XVI (169).

Entre os escritos de Bento Teixeira destaca-se a *Prosopopéia* (170), trabalho importante, pois permite uma tomada de consciên-

(168). — A atividade pura do espírito poderia suscitar agrado, porém nunca respeito, e terminaria desdenhada como tudo que embora divertido é inútil e inatuaente. Amado (Genolino), *Um olhar sobre a vida* (Rio de Janeiro, 1939), pág. 39.

(169). — Impossível separar autor e obra do meio em que estão inseridos. A obra literária acolhe “os sinais de fenômenos mais universais que envolvem a sociedade, as suas tendências num determinado período histórico, os significativos fatos ideológicos e econômicos de que o escritor se torna expressão”. Goldmann (Lucien), *Le structuralisme génétique en sociologie de la littérature*, in “Littérature et Société” (Paris, 1967), pág. 198.

(170). — As dúvidas levantadas por alguns escritores sobre a autoria da *Prosopopéia* ficaram cabalmente dirimidas pelo trabalho de José Antônio Gonçalves de Melo: *Bento Teixeira, Autor da Prosopopéia*, publicado nos “Estudos Pernambucanos” (Recife, 1960), págs. 1-43.

cia coletiva através da consciência individual do Autor. Permite, outrossim, a realização, num plano imaginário de uma coerência jamais atingida por Bento Teixeira no plano real. Tem, pois, a Poesia ao mesmo tempo um caráter eminentemente social e individual. E' de mister que a analisemos como criação imaginária diretamente estruturada pela realidade, e coo um dos elementos da adaptação de Bento Teixeira a essa mesma realidade.

Bento Teixeira fêz parte de um grupo social: o dos descendentes dos judeus, e dêle recebeu influências em seu pensamento, na sua afetividade. Influências que se refletiram em seu comportamento, e transparecem em seus escritos (171).

Os descendentes de Moisés podiam optar pela permanência subreptícia num mundo judaico ou pela integração num mundo cristão. Bento Teixeira acomodou-se ao segundo pela educação e pela necessidade, mas por nascimento e opção arriscada, preferiu integrar-se no primeiro. Não é de extranhar-se que sua Obra revele traços da Consciência social de ambos.

*

a. — *A Visão do Mundo Cristão.*

Mundo cristão de sécu'lo XVI, é mundo barrôco, com seu Catolicismo exacerbado, com seu antagonismo entre o conceito ideal e real da vida, com suas próprias conceituações sôbre heroísmo, estirpe, poder, glória, lealdade, honra, riqueza, saber, virtudes. Tudo isso aparece na *Prosopopéia*.

O protótipo social elaborado pelo Barrôco — o heroi estoico cristão — é encarnado principalmente por Jorge de Albuquerque Coelho (172), terceiro donatário da Capitania de Pernambuco:

“Albuquerque soberano da Fé, da cara Pátria firme muro /
Cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira” (173).

(171). — “O caráter coletivo da criação literária surge pelo fato das estruturas do universo da Obra serem homólogas às estruturas mentais dos grupos sociais dete minados”. Goldmann (Lucien), *Pour une sociologie du roman* (Paris, 1964), pág. 216.

(172). — Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho e de D. Beatriz de Felipe II, Liv. 3º Doações fol. 28). Malheiros Dias (Carlos), *História da Colonibuco na ausência de seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque de 1572 a 1576*. Confirmado depois no govêrno da referida Capitania aos 15-5-1582 (cf. *Chancelaria de Filipe II*, Liv. 3º Doações fol. 28). Malheiro Dias (Carlos), *História da Colonização Portuguesa no Brasil* (Pôrto, 1921), III, pág. 194.

(173). — 1a. estrofe. “Prosopopeia” (Rio de Janeiro, 1923) ed. Academia Brasileira de Letras.

Cavaleiro, defensor da Fé e da Pátria, cujo valor está ligado à concessão divina. Intrépido defensor da honra dos antepassados que sobrepõe à morte que despreza (174).

Nas descrições das atitudes de Jorge de Albuquerque em Alcácer, Bento Teixeira recolheu o ideal do heroísmo fidalgo que pondo-se acima da dor serve ao Rei com bravura, destroi inimigos da crença — os muçulmanos — (175). Heroi católico que não poderia tolerar a heresia protestante:

“E seu raro valor executado / Em corpos luteranos vigorosos /
Vereis seu Estandarte derribado, / Aos Católicos pés vitoriosos” (176).

Bento Teixeira procurou dar relêvo à ascendência de seu herói:

“Sublime Jorge em quem se exalta / A estirpe d’Albuquerque
excelente” (177).

Além do sangue, o prestígio social repousava nos feitos com que o fidalgo deveria comprovar sua superioridade sobre os demais. A finalidade do Poema é o exaltar as ações de bravura do donatário de Pernambuco. Alguns exemplos: os irmãos Jorge e Duarte são maiores que os fundadores de Roma; a fama dos Albuquerque supera a cantada em outras epopeias (178).

Glória e Honra, Glória e Tradição aparecem indissolúvelmente unidas. Duarte incita o valor português nas lutas contra o mouro:

“Olhai aquêlo esforço antigo e puro, / Dos inclitos e fortes Lusitanos, /
Da Pátria, e liberdade, um firme muro, / Verdugo de arrogantes Mauritanos. /
Exemplo singular para o futuro” (179).

(174). — “... vendo neles tal defeito / Lhes dirá: Corações efeminados”, / Lá contareis aos vivos o que vistes, / Porque eu direi aos mortos que fugistes”. Estrofe 87.

(175). — “Com lágrimas d’amor, e de brandura, / De seu Senhor, querido, aí se espede, /
E que a vida importante, e mal segura, / Assegurasse bem, muito lhe pede. /
Torna à batalha sanguinosa, e dura, / O esquadrão rompe, dos de Mafamede, /
Lastima, fere, corta, fende, mata, / Decepa, apouca, assola, desbarata. /” Estrofe 79. A lenda do cavalo que Jorge d’Albuquerque teria dado a D. Sebastião é oportunidade de demonstrar seus sentimentos em relação ao Rei: “Salvai em este meu a vossa vida, / Que a minha, pouco vai, em ser perdida”. Estrofe 76. “Deixai este vassalo fidelíssimo / Que êle fará por vós mais que Zopiro, / Por Dario, até dar final suspiro”. Estrofe 77.

(176). — 4a. estrofe.

(177). — 3a. estrofe.

(178). — “E vereis vosso irmão e vós supremo, / No valor abater Querino e Remo” — estrofe 3a. Na estrofe 23: “De lanças e d’escudos encantados / Não tratarei em numerosa rima, / Mas de Barões Ilustres afamados /.../ Seus heroicos feitos extremados”.

(179). — Estrofe 84.

A idéia de exemplaridade também aí transparece. Modelos de comportamento, receitas de heroísmo. A fuga do perigo causaria a deshonra, pior coisa que poderia acontecer à dignidade do tempo. Deshonra que se prolongaria pela descendência:

“... que tendes já manchado, / De vossa descendência, a fortaleza” (180). Duarte, ao contrário ficará como exemplo de bravura e coragem: “No mundo gozarás de larga história, / Ficando no lustroso, e rico Templo, / Da Ninfa Gogantea por exemplo” (181).

O mundo barrôco não era só aristocrático, embora o fôsse preferentemente. O burguês pressionava para ascender, cercando êsse mundo que resistia. Frutos dessas pressões são alguns valores oriundos das camadas médias que se instalavam na cultura. Valores como o serviço ou a segurança, a prudência, o saber, a inteligência.

A segurança, Duarte de Albuquerque só encontrará em outra vida:

“Donde terás a vida tão segura / Quanto tem de mudança a transitória” (182).

A ascensão pelo serviço é própria do tempo. Os Albuquerque eram recém-chegados à fidalguia (183). Talvez porisso Bento Teixeira puzesse tanto empêno em valorizá-los pelos seus feitos:

“Que a grandeza de vossos feitos cante...” (184), “De modo que esquecida a fama velha, / Façam arcar ao mundo a sobranceira” (185).

O serviço no Brasil não oferecia prêmios (186). Jorge e Duarte atravessaram o Oceano para terem em África oportunidade de provar

(180). — Estrofe 85.

(181). — Estrofe 90.

(182). — Estrofe 90.

(183). — Duarte Coelho pertencia por bastardia à família dos Coelhos, filho de Gonçalo Coelho, capitão de navios na costa do Brasil e de Catarina Anes Duarte. Pelos serviços prestados, principalmente na Índia, deu-lhe o Rei brasão de armas aos 6-6-1545. Malheiro Dias (Carlos), *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, cit., II cap. X; Freire (Brancamp), *Brasões da Sala de Sintra* (Coimbra, 1927), II. Duarte Coelho casou-se com D. Beatriz de Albuquerque e teve por filhos Duarte Coelho de Albuquerque e Jorge de Albuquerque Coelho, cantados ambos por Bento Teixeira na *Prosopopéia*.

(184). — 6a. estrofe.

(185). — Estrofe 29.

(186). — “Mas quando virem que do Rei potente / O pai por seus serviços não alcança / O galardão devido, e glória dina...” / Estrofe 34.

sua fidalguia ou de engrandecê-la mais (187). Realmente a lealdade ao Rei em Alcácer poderia ser recompensada em termos nobiliárquicos:

“O rei promete: se de tal emprêsa sai vivo, o fará senhor grandíssimo” (188).

Jorge é apontado como

“Outro Nestor e Fausto na prudência” (189).

O govêrno dos Albuquerque,

... “com mil meios de amor brando / Pretenderão tira-la do seu êrro / E senão porão tudo a fogo e ferro” (190).

Saber o que é útil para administrar, é qualidade:

“... que a insania / Reprimirá dos seus com saber raro” (191).

A inteligência revelava-se no engenho nas ações que levariam à obtenção do fim desejado:

“... cuja, invenção, cujo artificio /, Aos bárbaros dará total exício” (192).

*

b. — *A Visão do Mundo Judaico.*

A idéia de um Deus único é a primeira que ressalta dos versos de Bento Teixeira, ainda na Invocação, ao rejeitar a inspiração das Sibilas:

“Aquêle chama só” (193).

(187). — “Depois de ter o Bárbaro difuso / E roto: as portas fechará de Jano, / Por vir ao Reino do valente Luso / E tentar a fortuna do Oceano”. Estrofe 43.

(188). — Estrofe 78.

(189). — Estrofe 27.

(190). — Estrofe 30.

(191). — Estrofe 27.

(192). — Estrofe 33.

Deus criador da Vida que êle exalta:

“... de quem espero / A vida que se espera em fim de tudo”
(194).

Veladamente a'ude à Aliança:

“... não deve o menos, / quem deu o mais a míseros terrenos” (195).

Deus é o grande aliado, que não permitirá que os inimigos vençam o Povo Eleito:

“Mas o Senhor que assiste na alta Curia / Um mal atalhará tão violento” (196).

A precedência do grupo judaico sôbre o cristão e a dependência que êste pode ter daquêle vão sugeridas:

“Não sabe que meu ser ao seu precede, / E que prendê-lo posso noutra rêde?” (197).

A consciência de pertencer a um Povo condenado ao sofrimento emerge com uma certa freqüência nos versos:

“Os males a que a sorte nos destina” (198).

Rei e poderosos teriam sido ingratos com os *judeus*:

“Mas quem por seus serviços bons não herda, / Desgosta de fazer cousas lustrosas” (199).

Povo ousado e valente:

“nascidos da mortal temeridade” (200),

corajoso e lutador que povoa Olinda, onde a tolerância é maior que na Metrôpole

(193). — Estrofe 2a.

(194). — *Ibidem*.

(195). — *Ibidem*.

(196). — Estrofe 66.

(197). — Estrofe 52.

(198). — Estrofe 15.

(199). — Estrofe 20.

(200). — Estrofe 15.

“Será de fera e belicosa gente / O seu largo distrito povoado, /
Por nome terá Nova Lusitânia, / Das leis isenta da fatal insânia”
(201).

De tempos em tempos conhecem treguas nas perseguições:

“Depois de estarem todos socegados / Por mandado do Rei e
por decreto” (202).

Mas a adversidade é uma constante:

“Mas o fado que quer que a razão torça / O caminho mais
reto, e proveitoso” (205).

Não importa. O sofrimento será passageiro. Serão inúteis lutas
guerras e perseguições (204). Existem sempre aliados que seriam pon-
tos de apóio em outras regiões banhadas pelo Mar

“Moverei de Netuno o gram distrito / Para que meu partido
mais segure” (205).

Existe sempre o maior aliado: Deus:

“Mas o Senhor que assiste na alta Cúria, / Um mal atalhará tão
violento / Dando-nos brando mar, vento galerno” (206).

O importante é que o grupo permaneça unido para vencer a tu-
do, inclusive as leis contrárias:

“Bem claro nô-lo mostra a experiência, / Em poder mais que a
justiça a aderência” (207).

Na *Prosopopéia* Bento Teixeira deixa entrever os traços básicos
da consciência social de um grupo barrôco, aristocrático, que tenderia
à conservação global das estruturas existentes na Metrôpole. Grupo

(201). — Estrofe 26.

(202). — Estrofe 21.

(203). — Estrofe 88.

(204). — “Pois seu intento não porá no fito, / Por mais que contra mim o
Ceu conjure, / Que tudo tem em fim termo finito, / E o tempo não há cousa que
não cure...” “E quero ver no fim desta jornada, / Se val a Marte, escudo, lança,
espada”. Estrofe 53.

(205). — Estrofe 53.

(206). — Estrofe 66.

(207). — Estrofe 38.

elitista ao qual propenderia Bento Teixeira, mas que não está sequer definido no Brasil desse tempo. Neste aspecto o Autor se distancia da realidade colonial. Aproxima-se dela quando reflete traços da consciência social do grupo judaico. Ora este tipo de consciência revela a existência de um grupo social importante, interessado na reorganização das relações dos homens entre si, portanto até certo ponto interessado na desestruturação das estruturas metropolitanas.

A capacidade de captar traços básicos da consciência de dois grupos sociais diferentes que tendiam a um estado de equilíbrio diverso, levou Bento Teixeira a avivar em sua própria consciência antagonismos, descompassos e angústias que eram seus e deviam ser também de parte do grupo social judaico ao qual pertencia. Por isso o Poema é basicamente uma busca de unidade, de coerência, do grupo; de superação de frustrações, de adaptação à realidade ambiente do Autor.

*

c. — *O Universo Imaginário do Poema*

Ser cripto-judeu é, antes de tudo, sentir imperiosa necessidade de ser livre: para criticar e para criar. Dessa necessidade de afirmação de liberdade perante um meio coercitivo deve ter nascido a *Prosopopéia*.

Na forma não se diferencia dos moldes comuns da épica culta: o tradicional aparecimento de Virgílio como sustentáculo das idéias (208), referências a Ovídio (209), solene dedicatória (210), hipócritas excusas da humildade do Autor (211). Em 94 estrofes de 8 versos Bento Teixeira focaliza as figuras de Jorge de Albuquerque Coelho e subsidiariamente a do seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque. O procedimento é idêntico ao desse tipo de composição poética: num tom constante e uniforme no que respeita à criação verbal e conceitual, focaliza o herói empenhado em tarefas ligadas às suas crenças

(208). — “Cantem Poetas o poder Romano, / Submetendo Nações ao jogo duro / O Mantuano pinte o Rei Troiano...” Estrofe 1a.

(209). — “O marchetado Carro do seu Febo, / Celebre o Sol Munés, com falsa pompa...” Estrofe 6a.

(210). — “E vós sublime Jorge, em quem se exalta, / A estirpe d’Albuquerque, excelente, / E cujo eco da fama corre, e salta, / Do Carro Glacial, à Zona ardente, / Suspendei por agora a mente alta, / Dos casos vários da Olíndesa gente, / E verei vosso irmão, e vós supremo, / No valor, abater Querino e Remo”. Estrofe 3a.

(211). — “Mas enquanto Talia não se atreve, / No Mar do valor vosso, abrir entrada, / Aspirai com favor à Barca leve, / De minha Musa incuta, e mal limada. / Estrofe 5a..

religiosas e deveres sociais, em diferentes tópicos épicos que tratam de céu, inferno, profecias, batalhas, discursos, viagens. Usa e abusa de imagens barrocas (212), de referências à Antiguidade e à Mitologia (213).

Bento Teixeira aceitou a cultura metropolitana que lhe fôra imposta. Não resistiu a ela. No entanto, com ser homem inteligente, inseriu no seu Poema a sua mensagem que nada tem a ver com o conteúdo formal aparente. Afirma, já no início do trabalho seu propósito de sinceridade apoiada na proteção divina:

“Ele fará meu Verso tão sincero, / Quanto fôra sem êle tosco e rudo” (214).

A Narração, é o Canto de Proteu: Proteu, a figura mitológica que alcançou o que quis tomando várias formas. Pela sua boca Bento Teixeira fala, como também fala pela voz de Vulcão e do próprio Jorge de Albuquerque. Assim, vão sendo inseridos trechos que revelam a posição real do Autor diante da realidade circundante. Pela Obra, Bento Teixeira vence a estrutura efetiva da realidade: fica superior ao meio. Reafirma sua opção pelo cripto-judaísmo, congrega o grupo à união. Neste aspecto define-se a coerência global do trabalho.

Na base do Poema ficou refletido o comportamento de Bento Teixeira, que é um homem duplamente frustrado: por não poder pertencer à nobreza, *status* para o qual convergem as aspirações do tempo, mesmo no Brasil, e porque sendo burguês não ocupava posição de destaque social por ser pobre. Porisso fala amargamente da riqueza, vencedora de litígios, valorizadora de homens (215).

Confessa sua frustração:

“Ó sorte tão cruel como mudável, / Porque usurpas aos bons o seu direito? / Escolhes sempre o mais abominável, / Reprovas e abominas o perfeito. / O menos digno fazes agradável, / O agradável mais, menos aceito, / Ó fragil, inconstante, quebradiça, / Roubadora dos bens e da justiça!” (216).

(212). — Um exemplo: “A lâmpada do Sol, tinha encuberto, / Ao mundo sua luz serena, e pura, / E a irmã dos três nomes descuberto / A sua terga e circular figura”. 7a. estrofe.

(213). — Refere-se às Sibilas, Tália, Aganipe, Dite, Morfeu, Zéfiro, Tritão, Netuno e seu gado, Glauco, Nereu, Tetis, Ninfas, Sereias, Vulcano, Jano, etc.

(214). — 2a. estrofe.

(215). — Referindo-se ao ouro, queixa-se: “Quão mal por fata dêste, a muitos trates / (Ó sorte) neste campo trabalhoso”. Estrofe 38.

(216). — Estrofe 35.

Sente-se superior e não é bafejado pela sorte, êle que é perfeito, agradável, é rejeitado. Pela bôca de Vulcão continua a falar de sí:

“Em preço, ser, valor ou em nobreza, / Qual dos supremos é mais qu’eu altivo? (217). Êle, que pertence a povo superior, que tem cultura, porque não é respeitado e valorizado? “E com ser de tão alta magestade / Não me sabem guardar nenhum respeito?” (218).

O mundo não o satisfaz. Bento Teixeira procura transformá-lo, para poder satisfatòriamente inserir-se nele. Propõe um mundo que dê maior importância à cultura. Eis porque procura valorizar o espírito, a inteligência. A forma barrôca da epopéia dá-lhe o primeiro ensejo, e Bento Teixeira põe-se em pé de igualdade com Virgílio:

“O Mantuano cante o Rei Troiano... / Que eu canto um Albuquerque soberano” (219).

Socorrendo-se ainda dos usos literários valoriza o próprio engenho:

“Não quero no meu Canto alguma ajuda, / Das nove moradoras do Parnaso” (220).

Pela voz de Jorge de Albuquerque, Bento Teixeira afirma que inteligência e cultura podem vencer as mais difíceis tramas:

“Vencendo com Tulliana eloquência / Do modo que direi tanta demência” (221).

Apesar de homem de espírito e de inteligência, o meio não o valoriza. Projeta então Bento Teixeira sôbre o meio suas decepções. Meio inculto (222), onde as pessoas tem pouco tirocínio. Critica-o. Critica a sociedade ignorante e demente que valoriza o dinheiro e não valoriza o sábio, que não lhe permite exercer o poder porque não o compreende:

“Não tens poder algum, se houver prudência, / Não tens Império algum, nem Magestade, / Mas a mortal cegueira e a demência, / E o

(217). — Estrofe 51.

(218). — Estrofe 52.

(219). — Estrofe 1a.

(220). — Estrofe 24.

(221). — Estrofe 57.

(222). — “Contemplo a tua Olinda celebrada... / Inculta, sem feição, descalhada”. Estrofe 91.

o título, te honrou de Deidade. / O sábio tem domínio na influência, / Celeste, e na potência da vontade / E se o fim não alcança desejado / É por não ser o meio acomodado” (223).

Despreza o Autor tal meio, que não está à altura de seu talento. Falando do que escreve:

“Se faço como devo, sei que imprimo / Escândalo no vulgo variável” (224).

O desajuste do intelectual torna a aparecer:

“Uma coisa me faz dificuldade, / E o espírito profético me cansa, / A qual é ter no vulgo autoridade, / Só aquilo que a sua força alcança” (225).

Apesar de desiludido (226), o Autor ainda luta. Escreve o Poema para imortalizar fama e glória dos Albuquerque. Associando-se a elas talvez se distingua dos demais:

“Invocar vossa graça, mais se deve, / Que toda a dos antigos celebrada, / Porque ela me fará partícipe, / Doutra licor melhor que o de Aganipe” (227).

Teria escolhido os Albuquerque só por serem os “donos” do meio colonial em que vivia, portanto por estarem mais próximos que o Rei, ou por desilusão com as atitudes do Soberano? (228).

Certamente esperava colher frutos de toda essa louvação a uma família que se agradaria disso mórmente porque era recém-chegada à fidalguia (229). Escreve por conveniência também: para glorificar-se a sí próprio, no seu talento, para angariar proteção.

Deixa Bento Teixeira bem claro ao longo de seus versos que a mortalidade dos feitos dos Albuquerque dever-se-á a êle:

(223). — Estrofe 36.

(224). — Estrofe 40.

(225). — Estrofe 41.

(226). — “Mas ah, invida sorte, quão incertos, / São teus bens, e quão certas as mudanças / Quão brevemente cortas os enxertos, / A umas mal nascidas esperanças” ... “Para tirar no fim, a fama, a glória”. Estrofe 71.

(227). — Estrofe 5.

(228). — “Mas quem por seus serviços bons não herda / Desgosta de fazer cousa lustrosa”. Estrofe 20.

(229). — Seria a êsse afidalgamento recente que Bento Teixeira se referia aos exaltar os feitos de Jorge e Duarte de Albuquerque dizendo. “De modo que esquecida a fama velha, / Façam arcar ao mundo a sobancelha”. Estrofe 29.

“Sem dêles ficar todos mais memória, / Que a que eu fazendo
vou em esta História” (230).

O Rei é avaro no premiar serviços, porisso os Albuquerque de-
penderão de um cristão-nôvo para se imortalizarem:

“Mas quando virem que do Rei potente, / o pai por seus serviços
não alcança, / O galardão devido, e glória dina, / Ficarão nos alpen-
dres da Picina” (231).

Ele fixará a memória de Jorge e de Duarte:

“Quero livrar do tempo e sua injuria, / Estes claros irmãos...”
(232).

E sôbre Duarte:

“No mundo gozarás de larga história...” (234).

Conta com o sucesso de seus versos e promete escrever mais.
Aqui também o Autor serve-se das formas comuns à épica para cobrir
seu desêjo de aparecer:

“Mas se o Céu transparente, e alta Cúria, / Me for tão favo-
rável, como espero, / com voz sonora, com crescida fúria, / Hei de
cantar Duarte e Jorge fero” (235).

Pela Obra Bento Teixeira sente-se superior ao meio. Superior aos
próprios donos de Pernambuco que dêle dependem para imortalizar sua
atuação na História. Deve ter-se sentido parcialmente compensado.

No entanto impunha-se a Bento Teixeira a realização de uma
coerência global do seu pensamento, da sua afetividade, do seu com-
portamento: situação de que Bento Teixeira tinha consciência real.

(230). — Estrofe 31. Na estrofe 93, Netuno fala a Bento Teixeira: “Pren-
do, que a mortal posteridade, / Com Hinos o ande sempre sublimando, / Quando
vir, que por tí o foi primeiro, / Com fatífico espírito verdadeiro”.

(231). — Estrofe 34. A Picina é alusão à parábola do Paralítico. Significa o
Cristianismo que curaria “o aleijão do Judaísmo” segundo palavras do próprio
Bento Teixeira ao Inquisidor (proc. 5.206 cit.). Ficar nos alpendres da Picina
significaria não penetrar nela: permanecer judeu, ou com os judeus.

(232). — Estrofe 82.

(233). — Estrofe 90.

(234). — Estrofe 82.

(235). — Estrofe 49.

Não pensassem os judeus que êle evadia para as fileiras cristãs. A vida levava-o a uma opção:

“E que por mil razões que não aponto / A quem do fado a lei
render se deve / Do que tenho tentado, já desista, / E a gente Lu-
sitana, me resista?” (236).

Teria desistido de se integrar no grupo cristão, onde as pressões da desconfiança teriam continuado. A solução inteligente que encontrou foi o cripto-judaísmo: o respeito às aparências não prejudicará a sua consciência de possuir a Verdade que não é o nôvo (237).

Conveniência e experiência teriam favorecido a decisão de Bento Teixeira:

“Bem claro nô-lo mostra a experiência / Em poder mais que a
justiça a aderência” (238).

Bento Teixeira empenhou-se então em redefinir sua posição judaica, e lembrar ao grupo cripto seu compromisso na guarda de um patrimônio histórico, na conservação de uma herança psicológica, de uma mentalidade comum. Não podia se arriscar a perder a confiança do grupo que existia de fato, como depois o próprio Bento Teixeira comunicou à Inquisição:

“os homens da nação em Pernambuco como me tinham por sua
cevadeira e por homem em que seguramente podiam depositar qual-
quer cousa” (239).

E êles sabiam que Bento Teixeira poderia falar de vários modos (240).

(236). — “Que o seu qualificado e alto espírito, / Lhe fará a quanto deve ter
respeito”. Estrofe 37.

(237). — “Mas se é um caso raro, ou novidade, / Das que de tempo em
tempo, o tempo lança / Tal crédito lhe dão que me lastima, / Ver a Verdade o
pouco que se estima”. Estrofe 41.

(238). — Estrofe 38.

(239). — Aviso 1º dado por Bento Teixeira aos Inquisidores. In proc. 5.206,
cit.

(240). — Papel apresentado por Bento Teixeira aos Inquisidores aos 30-12-1598.
Idem.

Nas entrelinhas do Poema Bento Teixeira falou de si próprio e endereçou mensagem a seu grupo (241). Por imposição de quem? Do meio? De sua própria consciência? (242).

A *Prosopopéia* tem um duplo sentido (243). Bento Teixeira referindo-se a Proteu proclama a necessidade de adquirir aparências falsas para não ser apanhado:

“Vem numa e noutra forma peregrina, / Mudando a natural propriedade” (244).

E mais adiante expõe os seus propósitos:

“Por que dado que a forma se me muda, / Em falar a verdade serei raso, / Que assim convem faze-lo, quem escreve, / Se à justiça quer dar o que se deve” (245).

Chama a atenção para o que tem a comunicar:

“Pelos ares retumba o grave acento, / De minha rouca voz confusa e lenta” (246).

Aos valores cristãos contidos no Poema contrapõem-se mais ou menos veladamente valores judaicos.

Há um herói, efetivamente: o grupo cripto-judeu:

“aquêles que de amor puro viviam / Que estando de seu centro e fim ausentes / *Com alma e com vontade estão presentes*” (247).

(241). — Era numericamente significativo o número de judeus existentes em Pernambuco, que, por mais tolerante, acolhera os marranos sobressaltados com o clima de intolerância da Metrópole: “De Scila, e de Caribdis, escapando, / Chegasse à desejada, e nova terra...”. Estrofe 48. “Por perigos créis, por casos vários, / Hemos dentrar no pôrto Lusitano”. Estrofe 61.

(242). — “Que eu tenho respondido co mandado, / Que mandaste, Netuno, subimado”. Estrofe 92.

(243). — O costume de endereçar mensagem aos companheiros marranos está instalado entre os cripto-judeus, como uma das táticas defensivas do grupo contra o Santo Ofício. No processo de Bento Teixeira aparecem vários exemplos de frases aparentemente inocentes com que se comunicavam os presos dentro dos cárceres. Aparece também longa dissertação usada para o comunicação dos presos de Lisboa com seus parentes no Brasil. Estavam portanto os hebreus acostumados a receber mensagens subrepticiamente incluídas em documentos inocentes na aparência.

(244). — Estrofe 15.

(245). — Estrofe 24.

(246). — Estrofe 22.

(247). — Estrofe 9. Grifo nosso.

A consciência de serem judeus era a diretriz que regia a vida interior daqueles que tinham sido coagidos a aceitar outro Credo.

A História do Povo Judeu devia ser lembrada: suas diásporas sucessivas, engendradas pela sorte que tem sido adversa ao Povo (248). O mar é a grande estrada:

“Vós de Scila, e Caribdis, escapando, / De mil baixos e sirtes arenosas, / Vindes num lenho concavo cortando, / As inquietas ondas espumosas” (249).

O heroísmo dos antepassados:

“Os heroicos feitos dos antigos, / Tendes vivos e impressos na memoria, / Ali vereis o esforço nos perigos, / Ali ordem na paz, digna de glória. / Ali com dura morte de inimigos, / Feita mortal a vida transitória, / Ali no mor quilate de fineza, / Vereis aposentada a Fortaleza” (250).

Bento Teixeira sabe das dificuldades atravessadas pelos seus companheiros e da resistência que têm mostrado às adversidades:

“Companheiros leais, a quem o Côro, / das Musas tem a fama entronisado, / Não deveis ignorar que não ignoro, / Os trabalhos que haveis no Mar passados. / Respondestes té gora com o foro, / Devido a nosso Luso celebrado, / Mostrando-vos firmes contra a sorte. / Do que ela contra nós se mostra forte” (251).

A lealdade exaltada é a do grupo, aos seus ideais comuns:

“Da fome, e da sêde, o rigor passando, / E outras faltas em fim dificultosas, / Convém-vos adquirir uma força nova, / Que o fim as cousas examina e prova” (252).

E' importante que ajam com bravura, mas não queiram imitar o proceder dos inimigos e lutar com as mesmas armas (253): suas ações obscureceria os feitos passados, contrariariam a tradição e diminuiriam seus merecimentos:

(248). — “E pode Juno andar tantos enganos / Sem razão contra Troia maquinando, / E fazer que o Rei justo dos Troianos, / Andasse tanto tempo o Mar sucando?” Estrofe 48.

(249). — Estrofe 59.

(250). — Estrofe 62.

(251). — Estrofe 58.

(252). — Estrofe 59.

(253). — “Agora escurecer quereis o raio, / Dêstes Barões tam claros e eminentes, / Tentando dar princípio, e dar ensaio, / As cousas temerárias, e indecenas”

“... que de peitos tão constantes / Veja sair efeitos reprovados / Que não podem (falando simplesmente) / Nascer trevas da luz resplandescente” (254).

Se o inimigo parte para a violência então oferece-se êle em holocausto para a tranquilidade dos seus:

“E se determinais a cega fúria, / Executar de tão feroz intento, / A mim fazei o mal, a mim a injúria, / Fiquem livres os mais de tal tormento” (255).

O grupo é convidado a permanecer unido para vencer o inimigo comum:

“Do soldado remisso, e pusilânimo / Fazendo com tal prática fortíssimo. / E assim todos concordes, e num ânimo, / Venceião o furor do mar bravíssimo” (256).

Lealdade ao grupo, não ao Rei:

“Que a condição do Rei que não é franco / O vassalo faz ser nas obras manco” (257).

Todo sacrifício é pequeno para conquistar o direito à Pátria prometida (258):

“Olhai o grande gôzo, e doce glória, / Que vereis, quando postos em descanso, / Contardes esta larga, e triste história, / Junto do pátrio lar, seguro, imenso. / O que vai da batalha, a ter vitória, / O que do Mar inchado, e num remanso, / Isso então haverá de vosso estado, / Aos males que tiverdes já passado /” (259).

Aquí aparece uma das esperanças de Israel, que se reforça mais abaixo:

tes. / Imprimem neste peito, tal desmaio, / Tão graves e terríveis accidentes, / Que a dor crescida, as fôrças me quebranta, / E se pega a voz debil à garganta”. Estrofe 63.

(254). — Estrofe 65.

(255). — Estrofe 66.

(256). — Estrofe 67.

(257). — Estrofe 20.

(258). — “Até que já a Fortuna de enfadada / Chegar os deixe à Pátria desejada”. Estrofe 67.

(259). — Estrofe 60.

“Poupei-vos para a próspera fortuna, / E adversa, não temais por importuna” (260).

Lembrem-se todos que têm muitos inimigos, e continuem agindo do modo prudente costumeiro:

“E suposto que temos mil contrários / / De nossa parte os meios ordinários / Não faltem...” (261).

Confie todos, não se afastem dos caminhos traçados, pois o Senhor não desampará seu Povo:

“Que o mau tirano não pode o benefício / Que ao bom tem prometido o Ceo propício” (262).

O Poema foi para Bento Teixeira uma forma de adaptação à realidade, pois êle era um desadaptado. No conflito entre suas aspirações à coerência (isto é, ser ostensivamente judeu) e à superação do meio social (isto é, ascender) e a estrutura efetiva da realidade (isto é, a vida burguesa aparentemente cristã de Pernambuco sob o 3º donatário), Bento Teixeira frustrou-se. A saída foi escrever. Ao elaborar o Poema buscou realizar num domínio específico uma estrutura mais ou menos significativa e coerente. Respondeu a uma situação que o afligia — a situação do cripto-judeu — criando um mundo imaginário que corresponderia às aspirações do grupo social cristão metropolitano. Na criação deste mundo sua consciência individual o trai cá e lá, e êle recolhe elementos judaicos. Homem de inteligência, a censura das idéias vigentes no tempo foi para êle um desafio a que foi dada magnífica resposta: inseriu no Poema mensagem aos marranos. A *Prosopopéia* traduz a aspiração coletiva do grupo cripto. Neste sentido, Bento Teixeira criou um universo significativo, coerente e unitário. Procurou com o Poema levar o grupo a um grau de consciência mais avançada.

* *
*

(260). — Estrofe 61. Os templos visitando consagrados, / Em procissão, e cada qual descalço, / Desta maneira ficarão frustrados, / Os pensamentos vãoos...”. Estrofe 68.

(261). — Estrofe 61.

(262). — Estrofe 68.

III. — O CONFLITO INESPERADO: BENTO TEIXEIRA VERSUS SANTO OFÍCIO.

A. — O DISFARCE SUSPEITADO.

A Colônia, por sua especificidade, tolerava o cristão-nôvo. Eram êles os agentes da colonização, por excelência (263), os principais responsáveis pelas tentativas de erecção de um mundo branco, pela integração do Brasil na civilização atlântica.

Os colonos, no entanto, não estavam dispostos a tolerar o cripto-judaísmo com tôdas as subjacentes implicações de ruptura com a Religião, com a Metrópole, e de distanciamento da sociedade. Para as mentalidades do tempo — mesmo amolentadas pelos trópicos — o Judaísmo ostensivo era uma afronta. Prova-o o escândalo causado à fé de muitos, pelos sintomas de marranismo que transpareciam da conduta de Bento Teixeira: em suas palavras, em seus juramentos, na desenvoltura com que lia livros proibidos, na coragem de traduzir a Bíblia para a linguagem comum. Tudo isso foi contado ao Visitador Furtado de Mendonça, quando o Santo Ofício se instalou nas Capitânicas de Cima (264).

Alguns exemplos. Paulo de Valcacena declarou ter

“um conceito ruim de Bento Teixeira de ser máu cristão pelo seu modo de proceder ser ruim, e dar máu exemplo por muitas cousas que dizia e fazia” (265).

Pero Fernandes do Vale disse que Bento Teixeira

“se prezava de judeu e que algumas vêzes lhe ouvia dizer que êle era dos mais importantes judeus” (266).

Surpreendia-se de vê-lo falar tão largo em cousas da fé e tão intrometido sendo êle cristão-nôvo.

Sua própria mulher, Filipa Raposa, lamentava-se que

(263). — Ver a respeito: França (Eduardo d'Oliveira), *Engenhos, colonização e cristãos-novos na Bahia Colonial*, in “Anais do IV Simpósio da ANPUH” (Pôrto-Alegre, 1967), pág. 181.

(264). — *Denúncias da Bahia e Denúncias de Pernambuco*.

(265). — Inquirição Eclesiástica contra Bento Teixeira incluída no proc. 5.206.

(266). — *Idem*.

“seus pecados o ajuntaram comigo, pois era homem mal acondicionado, e que era um cristão-nôvo fedorento”. E’ “mau cristão e fala cousas contra a fé” (267).

Antônio Madureira, na Inquirição da Vara Eclesiástica, dizia ao Ouvidor:

“se V. M. faz castigar êste judeu fará grande serviço a Deus, porque está tido por mau cristão e é mui desbocado e desenfreado em juramentos” (268).

João Pinto declarou cousa idêntica e Pero d’Albuquerque que

“era homem de muito má presunção e ter ruim conceito dêle” (269).

Na realidade, as primeiras etapas para o desmascaramento de Bento Teixeira foram constituídas pelos processos que teve na justiça eclesiástica e na civil (270).

Confissões e Denúncias feitas à Inquirição revelaram: que Bento Teixeira cria e pretendia salvar-se na Lei de Moisés; usava costumes de cristão, mas guardava tenção de judeu; exercia proselitismo com cristãos-novos; recebia os sacramentos e fazia obras de caridade apenas por aparências; insultava Cristo, a Virgem e a Igreja com palavras injuriosas e ignominiosas; observava preceitos da lei judaica, punha em dúvida dogmas cristãos e argumentava sôbre questões religiosas apenas com o Velho Testamento que valorizava como o único verdadeiro (271).

Bento Teixeira negou quase tudo. Admitiu os juramentos feitos,

“estando com cólera, sem má tenção alguma”.

Confessou ter traduzido o Levítico e o Deuteronômio para Antônio Teixeira porque êle não entendia o latim

(267). — Papel de 8-1-1596.

(268). — Inquirição Eclesiástica in proc. 5.206.

(269). — *Idem*.

(270). — No processo do Santo Offício foram incluídas cópias dêstes autos feitos pelo Bispo Antônio Barreiros e pelo juiz Gaspar Francisco, em 1589.

(271). — Testemunharam contra Bento Teixeira: Manoel Chorro, Domingos Fernandes, João da Rosa, Ana Lins, Mateus de Freitas, Braz da Mata, Gaspar Rôiz, Jorge Tomaz, Antônio da Rosa, Gaspar Ruiz Cartagena os beneditinos freis Damião e Honório.

“sem lhe parecer que êle lhe pedia senão assim simplesmente sem malícia, e não sabe dêle cousa porque o tenha em ruim conta de máu cristão” (272).

Jurara também pelo Evangelho de São João e dissera a Braz da Mata que sua casa, para a qual disputava a compra de tijolos, era sagrada

“e que assim eram também sagradas tôdas as casas dos homens honrados casados” (273).

Tais confissões fizera-as no tempo da graça, em Olinda, apresentando-se voluntariamente ao Visitador.

Preso sob suspeita veemente foi remetido para a sede do Tribunal em Lisboa. Alí ainda tentava provar Bento Teixeira a injustiça de sua detenção. Em papel dirigido aos Inquisidores aos 8-1-1596 dizia

“... vindo preso por testemunhas evidentemente falsas que os zelos danados e tenções depravadas de meus capitais inimigos contra mim traçaram só para eclipsarem minha honra e abater meu crédito”... (274).

Bento Teixeira preso na Inquisição lisboeta continua agindo com inteligência. Na 3a. sessão, diante dos Inquisidores, admoestado a falar a verdade, pediu que lhe propuzessem suas culpas para que êle confessasse se nelas estivesse incurso. Observam os inquisidores tal atitude ser prova de desordem e pertinácia, e suas palavras maliciosas. Talvez isto o tenha movido a desafiar a Inquisição com sua inteligência. Entreviu talvez possibilidades de vitória, pois a Mesa aos 5-9-1597 perguntou-lhe especificamente pelas culpas de que estava acusado. Negou-as tôdas. Foi-lhe então apresentado o Libelo contendo a acusação da Justiça. Bento Teixeira respondeu, artigo por artigo, negando ainda as acusações. Aos 13-9-1597 Manoel Cabral, como seu procurador, elaborou com êle os artigos da defesa, que foram entregues ao Tribunal aos 16-9-1597.

Em seguida foram publicados os ditos das testemunhas da acusação. Sôbre êles Bento Teixeira elaborou contraditas, citando novas testemunhas que foram mandadas ouvir em Pernambuco pelo Licenciado Diogo do Couto (9-10-1597). Até esta data o reu continuava a pro-

(272). — Confissões. Incluída no proc. 5.206 cit.

(273). — *Idem*.

(274). — Proc. cit.

testar inocência, e a fazer-se vítima principalmente de sua falecida mulher e do seu último amante, frei Duarte Pereira (275).

E' obsessiva a preocupação de Bento Teixeira de provar aos Inquisidores que sua prisão fôra devida principalmente à sua falecida mulher:

“a qual [Felipa] segundo tenho alcançado foi a fonte donde se originaram meus trabalhos e a prisão de que de presente padeço” (276).

Na realidade Bento Teixeira descobrira à mulher seu judaísmo. Obrigara-a a fazer determinadas cousas para observar a Lei Velha. Possivelmente isto deva ter ocasionado atritos entre ambos. Atritos que explicariam frases como tais atribuídas a Felipa:

“dizia que êle dito Bento Teixeira não era seu marido e que se havia de desquitar dêle, e que quando não pudesse esperava pelo Senhor Inquisidor Heitor Furtado de Mendonça para o acusar de máu cristão e judeu...” Ou que “esperava pelo Visitador Furtado de Mendonça para me acusar de máu cristão, o que não só dizia aos ditos adúlteros mas a muitas pessoas da dita Vila de Igarassú”. “E para Vossas Mercês acabarem de conhecer a tenção danada e o zelo luciferino desta hidra de sete cabeças assoalhava a mim estas cousas ante as sobreditas e outras pessoas para que se referisse nelas quando viesse o Santo Officio e ela ante o Visitador vomitasse sua peçonha e veneno infernal” (277).

Em escritos aos Inquisidores, Bento Teixeira teve o cuidado de denegrir o comportamento de Felipa Raposa que teria adulterado com várias pessoas (278). No entanto ataca, preferentemente, para destruir-lhe o crédito de eventual testemunho, a frei Duarte Pereira, último amante de sua mulher.

(275). — Diz Bento Teixeira numa de suas contraditas: P. que Duarte Pereira clérigo, morador ora em Pernambuco lhe tem grandissimo ódio e muita má vontade porque indo Felipa visitar sua amiga, mulher de Miguel Fernandes da Pojuça, dizendo que não podia ir adiante ficou uma noite na casa de Duarte Pereira e dormiu com êle. Mudando-se êle para o Cabo, foi visto o ajuntamento carnal de Duarte com Felipa em sua casa dêle reu. Por cujo respeito êle réu a matou. E teve o reu com o dito padre diferenças e em outras partes. E se não falavam mais”.

(276). — Papel de Bento Teixeira aos Inquisidores. 8-1-1596.

(277). — Papel apresentado à Mesa aos 8-1-1596.

(278). — “... e as figuras principais com quem representava os atos venéreos eram um Paulo de Valcaceva, sobrinho de Jorge Camelo, Francisco Afonso de Almeida, Antônio Lopes de Sam Paio, mulato, por não ficar animal que nela não entrasse como noutra arca de Noé...”. *Ibidem*.

“Este Duarte é um clérigo fascinoroso e tão entregue a insultos que veio degradado por sentença definitiva do prior do convento de Tomar por tôda a vida para o Brasil e privado do hábito da dita religião, e que não tivesse voz ativa e passiva e que jejuasse às quartas e sextas feiras de dois meses a pão e água e que pedia com tôda a eficácia de vida ao Bispo do Brasil não dispensasse com êle para dizer missa, e isto por dar inteira satisfação ao grande escândalo que dera a todos os religiosos e à nobre vila do Tomar por se sair do mosteiro uma quinta feira de Endoenças e ser achado em hábito femínil em noite tão santa em companhia de Manoel Vilela alfaiate da dita Vila que lhe servia de alcoviteiro para umas irmãs suas...” (279).

Acusou o frade de solitação:

“E é tão devasso o dito Duarte Pereira e tão pouco temente ao Senhor que toma em suas mãos que na confissão cometeu muitas de suas filhas espirituais...” (280).

E era êsse religioso quem

“dizia públicamente que havia de destruir e por em estreiteza a êle, Bento Teixeira” (281).

As ameaças se concretizaram. Chegada a Visitação, Felipa Raposa e Duarte Pereira teriam denunciado o judaísmo de Bento Teixeira, a Furtado de Mendonça, segundo informação dada pelo reu à Mesa (282). Ou pelo menos Bento Teixeira assim o acreditou. E’ bastante provável que cheio de cólera (283) tivesse porisso esfaqueado Felipa Raposa e não pelo motivo que alega de ter sido insultado pelo mau comportamento de sua mulher. Muita cousa leva a crer que o assassinato de Felippa Raposa é um desdobraimento de sua condição de falso converso, principalmente porque Bento Teixeira não queria ser desmascado publicamente. Preferiu ir preso para Lisboa do que ser penitenciado em Pernambuco onde perderia todo o crédito, e muitos apoios. Ele próprio confessou isto ao Santo Ofício.

* *
*

(279). — *Idem.*

(280). — *Idem.*

(281). — Petição de Bento Teixeira ao Visitador. 19-9-1595.

(282). — 1a. sessão.

(283). — Bento Teixeira era um tipo que se encoleizava com facilidade. Provocar discussões parecia ser habitual meio de escoar sua agressividade. V. *proc. cit. passim.*

B. — O DISFARCE SEMI-REVELADO.

Bento Teixeira provávelmente avaliou sua situação diante do Tribunal da Fé, o que tê-lo-ia decidido a mudar de tática com os Inquisidores (284). Aos 18 de novembro de 1597 fêz sua primeira confissão de Judaísmo. A vitória que buscava contra o Santo Ofício seria mais facilmente conseguida com essa total mudança de atitudes. Palavras atribuídas por Bento Teixeira a Diogo d'Orta talvez expliquem seu nôvo comportamento:

“... não temais porque Bento Teixeira sabe mais do que cuidais, êle fará sua confissão de maneira que não culpe a ninguém porque muitos modos há com que se pode falar...” (285).

Há 24 anos, disse aos Inquisidores o poeta, judaizo, mas convencido estou de meus erros, porisso falo agora a verdade.

Bento Teixeira no cárcere continuou judeu. Foi judeu até o fim do seu processo. Passou a confessar, sim, aquilo do que fôra acusado. Para isso fêz um sem número de acusações. Contava casos e mais casos em suas sucessivas idas à Mesa do Tribunal, e no meio dêles quase que disfarçadamente explicava porque teria cometido tal ou qual deslize. A responsabilidade era quase sempre projetada para outrém. Quanto a êle, tivera sempre atitudes e pensamentos bons: não o declara expressamente, mas insinua com insistente freqüência. Alguns exemplos.

Para aceitar o Judaísmo a determinante teria sido crença e confiança na sua mãe:

“ainda que a princípio parecia isso dificultoso a êle confitente, contudo por sua mãe lho ensinar e lhe dizer que era sua sua mãe e lhe ensinava o que lhe convinha para salvação de sua alma e às vêzes com muitas lágrimas lhe dizia que esta era a verdade, êle confitente veio a crer o que a dita sua mãe lhe disse e creio e teve por certo que a lei de Moisés era a melhor que a lei de Nosso Senhor Jesus Cristo e que nela havia de se salvar e que os jejuns judaicos que jejuavam eram mehores que os dos cristãos” (286).

(284). — Disse no cárcere o próprio Bento Teixeira: “Os Inquisidores não são grimpas (e ainda mal porque tão firmes rochas são para nossa quebra e prejuízo) que com qualquer ventosinho de novidades se descomponham no intento onde têm prôa”. Título do que passei com Diogo d'Orta.

(285). — Título do que passei com Diogo d'Orta.

(286). — Depoimento de 18-11-1597.

Relatando conversa mantida com Diogo Meireles e Francisco Pardo sôbre o Purgatório, Bento Teixeira aproveita para se justificar. Declarou que sempre acreditou na existência de inferno e purgatório. No inferno o fogo material queima as almas por divina potência sem as consumir e no purgatório acabam de purgar seus pecados (287).

“Posto que fôsse acusado por dizer que as almas na outra vida não eram castigadas por serem feitas à imagem e semelhança de Deus, mas que a consciência era a que atormentava”.

Alguém lhe perguntara que penas tinham as almas na outra vida e êle respondera

“que depois de pena de dano que era de estarem privadas da visão beatífica de Deus a maior pena que tinha era do remordimento da consciência que os atormentava e porque êle confitente não falou em fogo devia de cuidar a dita pessoa que dizia que não havia ali inferno” (288).

Teria traduzido os salmos de Davi para Sebastião e Maria de Peralta por estar alojado em casa dêles,

“obrigado do que os dois irmãos lhe disseram e descobriram” (289).

Perguntara a Violante Fernandes como queria ser enterrada

“com tenção de inferir alguma cerimônia se falasse” (290).

A doutrinação que fizera sôbre a vinda do Messias e a ressurreição fôra estribada nas palavras de Francisco Pardo e Diogo Meireles, que repetira (291).

Criticara Pedrálvares que lia em latim o Livro de Esdras, dizendo-lhe que eram apócrifos e não aprovados pela Igreja Romana (292).

As palavras sôbre o Papa e os Cardeais teria aprendido com Pero Lopes Camelo que usaria tal como de expressão ao relatar suas relações amorosas com Barbosa Denande

“o qual modo de palavras êle confitente usou algumas vêzes daí por diante pelas ouvir do dito Pero Lopes e não por desprezo ao Santo Padre nem menoscabo do Colégio dos Cardeais”.

(287). — Depoimento de 20-11-1597.

(288). — Depoimento de 20-11-1597.

(289). — Depoimento de 9-12-1597.

(290). — Depoimento de 29-11-1597.

(291). — *Idem*.

(292). — Depoimento de 18-11-1597.

Antes, tivera cuidado de por na bôca de Pero Lopes:

“sou cristão-velho dos quatro costados e quanto mais atraz mais cristão-velho e creio na fé de Nosso Senhor Jesus Cristo” (293).

Contando casos à Mesa, faz-se de moralista: observa a Luís Gomes que deve ir fazer vida com sua mulher em São Vicente quando mais não seja porque o manda a lei natural (294). A Salvador Morgante exorta que deixe sua manceba porque se murmurava muito e dava escândalo na terra que era pequena (295). A Ilena Jorge, que fôsse casta e não devassa como se dizia públicamente (296).

Em meio a outras cousas confessa a verdade de alguma falta, como a de ter feito juramento pela Virgem com tenção judaica (297).

As pessoas a quem acusou em suas confissões ou já tinham morrido, ou estavam em lugares de quase impossível localização. Estavam mortas sua mãe, Violante Fernandes, Inês Fernandes, Gabriel Pinho, todos que tinham judaizado ou ensinado a êle Bento Teixeira judaizar. Seu primo Antônio Teixeira estava na Índia, outro primo, Ruy Teixeira, em Pisa; Francisco Pardo, morto pelos Potiguares, Luís Gomes morava em Lisboa, não sabia onde. Tão pouco sabia em que rua morava Salvador Morgante, Gonçalo Mendes Pinto, Leonel Mendes Pinto ou Diogo Fernandes Teve. Manoel Esteves morava em Viana. Ignorava o nome da avó de Manoel da Rocha, da irmã de Violante Fernandes (esta teria sido presa pelo Santo Ofício), da mulher de Gabriel Pinto agora casada com outro marido em Itamaracá.

Para algumas pessoas que acusou deixa saída aberta: Inês de Paiva teria aprendido a judaizar ensinada pela avó aos 12 anos. Agora já tem 25 e é casada com cristão-velho de Jaboatão, senhor de engenho. A mulher de Gabriel Pinto judaizava por ordem do marido, não sabe se é cristã-nova ou velha (298).

E' curiosa a pormenorizada e colaborante descrição que oferece à Mesa sôbre algumas pessoas: Luís Gomes, piloto de um navio era

“homem de meia estatura, olhos grandes e pretos, barba preta”.

(293). — Depoimento de 9-12-1597.

(294). — Depoimento de 2-12-1597.

(295). — Depoimento de 3-12-1597.

(296). — *Idem*.

(297). — Depoimento de 9-12-1597.

(298). — Depoimentos de 18 e 19-11-1597, de 29-11-1597, 1, 2, 3, 5, 6, 9, 11 e 12-12-1597 in proc. 5.206.

Salvador Morgante, que não sabe se é cristão-velho ou nôvo tinha

“média estatura, cabelo preto, rosto magro, olhos encovados, mais ou menos 50 anos” (299).

Em algumas poucas pessoas realmente descarrega suas acusações. Teriam sido realmente seus desafetos, ou Bento Teixeira não poderia perdoar-lhes a ostensiva riqueza que tê-lo-ia sempre humilhado? João Nunes foi uma dessas.

A irritação de Bento Teixeira aflora cá e lá:

“vejo homens da nação que tirados da mercancia são uns brutos animais” (300).

Vingança do homem de espírito que procura sobressair mais que o homem rico.

Mas, onde Bento Teixeira principalmente se reafirmou judeu foi quando mais ou menos veladamente protestou diante dos Inquisidores suas crenças. Em meio aos casos que relatava, reproduzia diálogos e punha nos lábios de outrém, cousas que permaneceriam no âmago de seu coração. Chega a compor uma profissão de fé, em forma de oração, atribuindo-a a Manoel Esteves que com ela teria procurado curá-lo:

“Em nome do grande e poderoso Senhor dos exércitos que appareceu a seu servo Moisés e lhe deu em braço estendido poder de fazer grandes prodígios e sinais e concedeu a Eliseu o profeta e a todos os demais santos que nele cressem vivamente e de cor soubessem os seus 72 nomes, de obrarem por meio dêles grandes maravilhas: resuscitar os mortos, sarar lepra, endereitar coxos e aleijados, em nome torno a dizer daquele Adonay que com o som das trombetas dos levitas somente fez cair os muros de Jericó e arrazar, veja caída e arrazada esta enfermidade fora do corpo dêsse seu servo que bem e fielmente crê nele só como único Deus do céu e da terra que é, abominando e detestando tôda e qualquer crença outra que as gentes tem em qualquer outro Deus” (301).

Ainda pelos lábios de Manoel Esteves, Bento Teixeira torna a afirmar que

(299). — Depoimento de 2-12-1597.

(300). — Papel de 30-12-1598.

(301). — Depoimento de 11-12-1597.

“... crê em um só Deus verdadeiro, criador do céu e da terra e de tôdas as cousas que nela há o qual deu sua lei ao seu mimoso e privado Moisés no Monte Sinai” (302),

Crença num só Deus e na entrega da Lei aparece reafirmada 19 vezes nas confissões de Bento Teixeira.

Só a lei de Moisés é boa e só nela se não de salvar as almas: 17 vezes é repetida a idéia atribuída a pessoas diferentes.

A rejeição de Cristo como Messias prometido é também repetida por pessoas diversas. Francisco Pardo teria dito:

“pelo Messias que o Senhor nos tem prometido não de vir muitos bens e descansos e que pelo Cristo que os cristãos dizem que é o verdadeiro Messias não nos vem senão males e desventuras” (303).

Miguel Fernandes teria declarado coisa semelhante:

“o Messias não veio, porque não pé possível Deus faltar tanto tempo” (304).

Gonçalo Mendes Pinto:

“se o Messias tivesse vindo ele nos tirara do cativeiro em que estamos e não padeceramos tantas desventuras como padecem porque assim no-lo tem o Senhor Deus nosso prometido” (305).

A necessidade de certas cerimônias por observância da Lei vem também com uma repetição quase monótona: guarda dos sábados, com ausências de trabalho, 26 vezes; com limpeza da casa às sextas feiras e troca de mechas nos candieiros, 26 vezes; camisa lavada, 22 vezes, restrições alimentares, 31 vezes, jejuns às segundas e quintas, 21 vezes; não acesso à mulher menstruada, 5 vezes.

Em outros tópicos Bento Teixeira, ainda usando o artifício de falar por outras bocas define seu comportamento dentro da Inquisição:

“a consciência de cada um é aqui medida certa” (306).

teria dito Bento Teixeira aparentemente aconselhando a sinceridade de Beatriz Gomes. Outra frase dúplice de sentido:

(302). — *Idem.*

(303). — Depoimento de 29-11-1597.

(304). — Depoimento de 12-12-1597.

(305). — *Idem.*

(306). — Título do que passei com Manoel Lopes.

“o discreto não faz cousa de que depois se havia de arrepender em tempo que lhe não val o arrependimento” (307).

Define sua disposição diante da Mesa:

“E não tenham os Inquisidores mais saúde do que êles hão de ver cá nenhum por minha parte” (308).

E torna a dizer o mesmo:

“Não haias mêdo que cá venha nenhum inocente por minha causa e assim o prometo a Deus” (309).

Num diálogo que teria existido entre Bento Teixeira e seu primo o licenciado Lopo Nunes, Bento Teixeira protesta sua inocência e diz o que pensa da Inquisição:

“... mas eu estou inocente, e tão inocente como os mártires que hoje padecem em Inglaterra, que enfim para cá ser martir não tive necessidade de ir a Inglaterra porque o que comigo tem usado os Inquisidores em Inglaterra não usam os herejes com os católicos; porque homens tão cegos da razão que sem culpa nenhuma metem aquí há 3 anos padecendo tantas violências e desventuras, e forçando-me o próprio alvedrio, e tirando-me as demais potências do seu curso natural, não consentindo que em uma só noite dêstes 3 anos tenha a êste afligido corpo um pequeno de repouso, tirando-me o vinho e o mais necessário, que se pode presumir dêles, se não que tendo só o nome de cristãos são piores que os mesmos herejes de Inglaterra” (310).

Claro está que tais palavras foram atribuídas a Lopo Nunes. E mais acremente:

“... a vós e a mim nos hão de consumir aquí porque nos bastamos a os desacreditar lá fora e a descobirmos seus excessos e demais que não servem de mais que de enredar almas: e com tudo isto vem aqui tão confiados quando nos vem visitar como se fôsem êles sós nos mundo aquêles por cujo braço Deus obra. Perguntai como se hão os homens de chegar a Deus se êles que dizem que são seus ministros andam tão gordos e nababos, vestem o melhor pano, co-

(307). — Papel de 30-12-1598.

(308). — *Idem*.

(309). — *Idem*.

(310). — Título do que passei com Lopo Nunes.

mem o melhor manjar, dormem em camas brandas o seu sono e não sabem mais que usar violência e cruezas com as pobres moscas que aqui estão encarceradas” (311).

Em escritos aos Inquisidores Bento Teixeira continuava defendendo seus companheiros de cárcere. Sobre Antônio Rodrigues dizia que o vira muitas vezes

“chorando e dando mostras de arrependimento” (312);

Antônio Lopes não fazia mais que dizer e apregoar inocência,

“que havia de morrer pela verdade e não havia de confessar o que não fêz”. Mais: “eu nunca lhe ouví nada que fôsse para lançar a má parte” (313).

Bento Teixeira não pode deixar mesmo no cárcere inquisitorial de ser o homem arrogante que está se sentindo duplamente superior: pela consciência da própria inteligência, por estar podendo dizer aos Inquisidores o que pensa. Veladamente, não importa. Fizera isso tôda sua vida. Sabe como dizê-lo. Critica e procura agradar: ao Visitador, em Pernambuco, lembra que

“como Inquisidor que é tem a obrigação de ser juiz reto, e como pai piedoso de benignas e amorosas entranhas...” (314).

Teria exaltado a bondade da Inquisição para seu companheiro de cela:

“... meu irmão, as confissões desta casa querem mais de verdade que tudo porque as injúrias que um homem faz a outro não esquecem tanto mais as que se fazem a Deus” (315).

Sobre o Inquisidor Manoel Tavares referia-se Bento Teixeira:

“E afirmo a V. M. que só no cargo, ou dignidade lhe levam os do Conselho vantagem ao Inquisidor Manoel Tavares, mas na bran-

(311). — *Idem*. Definia a Inquisição: “primeiramente sabeis que estais metido num inferno abreviado e não lhe chamamos purgatório porque lá visitam os anjos as almas e aconselham-nas em seus tormentos, mas aqui não há anjos que vos consolem senão um Mafoma mais mal inclinado que Belzebú no inferno...”. Papel de 30-12-1598.

(312). — Título do que passei com Antônio Rodrigues.

(313). — Título do que passei com Antônio Lopes.

(314). — Petição de 19-9-1595.

(315). — Título do que passei com Manoel Lopes.

dura e benignidade, letras e virtude, não, e isto digo pelo que experimento cada hora, e vejo palpavelmente” (316).

Tenta agradar ao Alcaide Gaspar Molina, elogiando sua atuação para a Mesa:

“em tudo é vigilantíssimo e tudo vigia com olhos de Argos pastor...”. “E por onde lhe parece que pode haver comércio, o que é causa do cárcere estar hoje quieto, e bem se vê a melhoria que em tudo há depois de sua entrada, porque os presos com sua brandura e mansidão se edificam (e afirmo a V. S. que não foi êle pequena parte para eu me vir lavar de minha lepra a êsse caudoloso rio Jordão que perenemente nessa mesa onde assiste o Espírito Santo está manando misericórdia” (317).

Visa particularmente os Inquisidores em suas lisonjas:

“E eu fico que com o favor de Deus que é o principal agente e com a singular brandura de V. S. e apostólica perfeição e accessòriamente com o bom modo de proceder do Alcaide se edifiquem de maneira que todos os que vieram a esta casa confessem suas culpas” (318).

Estende as adulações a tôda a Mesa:

“pedindo a Nosso Senhor Jesus Cristo conserve Vossas Senhorias na perfeição evangélica dilatando-lhes a vida como dilata a de Enoc e Elias no paraíso terreal para que como três rios caudalosos que dêle saem — Eufrates, Ganges e Tibre — fertilizem e reguem o campo espaçoso da Igreja Católica com as cristalinas e prateadas águas de sua doutrina” (319).

Enaltecia Bento Teixeira o Tribunal

“que neste Tribunal supremo do Santo Officio se me não negara a devida audiência; para em tudo se confirmar com Deus que mui particularmente preside a êle” (320).

A Mesa do Conselho era para êle

-
- (316). — Titulo do que passei com Lopo Nunes.
(317). — *Idem*.
(318). — *Idem*.
(319). — Papel de 30-12-1598.
(320). — Papel de 30-12-1598.

“centro donde saem as direitas linhas da verdade para a circunsferência da Cristandade” (321).

Aparenta a maior humildade, intercalando seus relatos de imensos protestos de fidelidade a Cristo e arrependimento de suas culpas:

“... Nosso Senhor Jesus Cristo (*verbo aeterno* resplendor da glória, morgado do céu, príncipe das hierarquias) a quem confesso e a quem adoro por único Filho de Deus vivo, por verdadeiro Messias prometido nas divinas letras para remedio das gentes e como tal delas desejando em cuja lei espero e prometo viver e salvar-me e fora dela em outra nenhuma, abominando e detestando tôda e qualquer outra lei e cerimônia e seita parecer e opinião, crença, observância que não for muito ao nível de sua santíssima fé e do que tem determinado os santos concílios e sagrados bispos e padres santos e isto até por a vida quando for necessário pela mostra desta verdade” (322).

Arrependido e submisso.

“... já tenho a prisão por recreação, a solidão por companhia, e a tristeza por prazer, e finalmente já não choro nem quando tange a campainha me treme o coração, mas antes alvoroçado estou esperando que me venham chamar para acabar minha confissão...” (323).

Frases que podem conter outro significado subjacente. Bento Teixeira estaria ansioso a cada nôvo encôntro com os Inquisidores para sentir que os convencia, que aparentando ser o vencido, era, na realidade, o vencedor. Nas horas de solidão, estaria arquitetando o que e como contar, oralmente ou por escrito. Foi o próprio Bento Teixeira que deixou entrever isso, quando escreveu aos Inquisidores falando dos sofrimentos dos descendentes dos judeus:

“... e os que esta miserável e odiosa nação padece de ordinário não sejam pequenos, êles lhes apuram o juízo, e lhe fazem inventar cousas, que postas na praça de qualquer outro entendimento mais livre que o seu, parecem impossíveis”.

Não estaria Bento Teixeira, ousadamente, dando aos Inquisidores chave de compreensão para seus escritos e suas atitudes?

Nos seus escritos à Mesa Bento Teixeira procurava convencê-la de sua favorável atuação convencendo os companheiros de prisão a se

(321). — *Idem.*

(322). — Título do que passei com Antônio Rodrigues Aiamonte.

(323). — Título do que passei com Antônio Lopes de Santarém.

confessarem verdadeiramente. Em seguida teve a petulância de oferecer seus serviços aos juizes da fé, a fim de

“que pudesse lá fora fazer alguns serviços, sendo benemérito desta santa casa, buscar dos meios acomodados para reconciliar muitos errados e apartados de sua santa fé com essa mesa sagrada” (324).

Devia estar certo já de sua vitória diante do Santo Officio. Na realidade foi tratado com extrema brandura: sua sentença manda que seja recebido em reconciliação da Santa Madre Igreja, com uso perpétuo de hábito penitencial. A Mesa consignou-lhe Lisboa por cárcere (após um estágio de 8 meses nas Escolas Gerais do Santo Officio para aprender a doutrina cristã), e determinou confisco de bens. A sua sentença foi lida em auto de fé público, mas na Mesa da Inquisição, perante a qual o reu fez abjuração de seus erros. Aos 31 de outubro de 1599 foi solto, e mandado tomar casa no bairro de Santa Marinha. Bento Teixeira vencera.

* *
*

IV. — CONCLUSÕES.

Bento Teixeira não foi um homem típico da cultura colonial. Toda cultura é um ajustamento ao meio. A cultura colonial foi inautêntica para Bento Teixeira que nela foi um pseudo-ajustado.

Judeu, ofereceu-se para receber uma cultura que o desjudaizaria. Absorveu tal cultura e pôde com ela escrever a *Prosopopéia* e muitos papéis aos Inquisidores onde o judaísmo reponha consciente e inconscientemente. Usou portanto a cultura do meio: não se integrou nela.

Porque permaneceu judeu, foi um desajustado no casamento, na vida social, na vida profissional, desajuste que se verteu em agressividade: assassínio, brigas, pobreza. Sua condição de intelectual agravou esse desajuste porque quis valorizar a cultura num meio que pedia riquezas, porque foi representante leigo de uma cultura que ainda era excessivamente clerical. Principalmente desajustado porque conservava compromissos mentais com o grupo judaico enquanto devia ser membro da elite intelectual cristã. Todas essas são provas de seu isolamento do meio.

Bento Teixeira, homem colonial a-típico porque dono de uma problemática específica: a dos cripto-judeus. Agia conforme suas cren-

ças, suas idéias, suas opiniões, veladamente, ao abrigo das estruturas coloniais mais plásticas que as metropo'itanas. Exemplar típico da fabricação de um cripto-judeu.

Sua vida, sua obra refletem todo um esforço para manter-se cripto, esforço básicamente esteiado na sua inteligência. Subjacentemente, porém, refletem uma busca desesperada de coerência, que traduz a ânsia de ajustamento.

Aparentemente perdedor do conflito com a Inquisição. Bento Teixeira terá sido talvez, no Brasil Colônia, o único homem que enganou o Santo Ofício.